

sabença

Maria Aparecida Moura
Maria das Dores Pimentel Nogueira
Terezinha Maria Furiati
Organizadoras

Neste cenário a arte de fazer a vida ainda é algo que se aprende e se ensina, mesmo em contextos improváveis, como pequena flor no deserto. Por isso nos espanta essa beleza. Esses fazeres não estão separados das pequenas (mas poderosas) narrativas de cada pessoa. São algo tão variado quanto toda a paisagem, mas têm em comum as sensibilidades e os desejos das gentes, as inteligências populares, misturadas às devoções, às místicas e à vivência mágica dos seus mistérios. Artesãos e artesãs colocam ali sua própria história e é essa a força criativa de um grande (hiper)texto – mãos e mente integradas. Teria este povo a vida nas mãos?

Márcio Simeone Henriques

sabença

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitor
Jaime Arturo Ramírez

Vice-Reitora
Sandra Regina Goulart Almeida

Pró-Reitora de Extensão
Benigna Maria de Oliveira

Pró-Reitora Adjunta de Extensão
Cláudia Mayorga

Diretoria de Governança Informacional
Maria Aparecida Moura

EQUIPE DA DIRETORIA DE GOVERNANÇA INFORMACIONAL

Coordenadora
Maria Aparecida Moura

Técnicas Administrativas
Aline Cândido Domingos Teixeira
Gleice Mônica Rodrigues de Carvalho
Izabel Antonina de Araújo Miranda

Estagiários
Madelaine Rodrigues Barbosa (voluntária)
Nayara de Oliveira Santos (PIBIC)
Rogério Botter Maio Lopes Rodrigues

Menor Aprendiz
Victória Katharina Nunes Diniz

PROGRAMA POLO JEQUITINHONHA

Coordenadora
Maria das Dores Pimentel Nogueira

Bolsistas
Deise Barreto Silva
Fábio Barbosa de Oliveira
Beatriz Monteiro dos Santos

PROGRAMA SABERES PLURAIS

Coordenadora
Maria Aparecida Moura

Cocordenadoras
Maria das Dores Pimentel Nogueira
Terezinha Maria Furiati

Técnica administrativa
Cláudia Ribeiro de Oliveira

Bolsistas
Amanda Soares da Silva
Camila Magalhães da Silva
Douglas Ferreira de Oliveira Tomaz
Madelaine Rodrigues Barbosa
Nayara de Oliveira Santos
Rogério Botter Maio Lopes Rodrigues
Wenderson Túlio Carneiro

EDIÇÃO

Produção editorial
Roseli Raquel de Aguiar

Capa e projeto gráfico
Marcia Larica - Estação Primeira de Design

Fotografia
Lori Figueiró

Revisão de textos
Lílian de Oliveira

Produção executiva
Gaia Cultural [cultura e meio ambiente]

Impressão
Rona Editora

S115 Sabença / Organizadoras : Maria Aparecida Moura, Maria das Dores Pimentel Nogueira, Terezinha Maria Furiati. – Belo Horizonte: PROEX-UFMG, 2018.

144 p.
ISBN 978-85-88221-61-1

Vários Colaboradores

1. Arte popular-Brasil. 2. Sabedoria popular. 3. Artistas-biografia. 4. Artistas-depoimentos. 5. Cultura-Brasil I. Moura, Maria Aparecida II. Nogueira, Pimentel, Maria das Dores, III. Furiati, Terezinha Maria.

CDD: 398.042
CDU: 398.1

Informação bibliográfica deste livro, conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

MOURA, Maria Aparecida; NOGUEIRA, Pimentel, Maria das Dores; FURIATI, Terezinha Maria (Org.). Sabença. PROEX-UFMG, 2018. 144 p. ISBN 978-85-88221-61-1.

Pró-Reitoria de Extensão UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627
Campus Pampulha
Prédio da Reitoria, 6º andar
31.270-901 Belo Horizonte MG
Tel. (31) 3409 4070 / 3409 4073
gab@proex.ufmg.br

sabença

Maria Aparecida Moura
Maria das Dores Pimentel Nogueira
Terezinha Maria Furiati
Organizadoras

Belo Horizonte
PROEX UFMG
2018

sumário

| | |
|----|--|
| 6 | Os saberes populares, as gerações e a extensão Benigna Maria de Oliveira e Claudia Mayorga |
| 8 | Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha Maria das Dores Pimentel Nogueira |
| 10 | Apresentação Maria Aparecida Moura, Maria das Dores Pimentel Nogueira e Terezinha Maria Furiati |
| 12 | No vale de todos os jequitinhonhas Márcio Simeone Henriques |
| 14 | A arte e os modos de (r)existência no Vale do Jequitinhonha Maria Aparecida Moura, Mariana Ramos de Moraes e Terezinha Maria Furiati |

| | |
|-----|--|
| 20 | ARMANDO RIBEIRO Sabedoria transversal |
| 28 | ARNALDO DAS GRAÇAS RODRIGUES Eterno brincante |
| 36 | GILDÁSIO JARDIM BARBOSA Territórios da arte |
| 44 | GILSON ALVES A vida sempre tá boa |
| 52 | JOÃO ALVES Crônicas afetivas do Jequitinhonha |
| 60 | LEONARDO BATISTA Pluralidades franciscanas |
| 68 | MÁRCIO BARBOSA SILVA O sagrado em perspectiva |
| 76 | MARIA TERESA GOMES CORDEIRO Ancestralidade feminina |
| 84 | MARLICE Tramas, tradição e fé |
| 92 | SIRLEY PAULINO Arte e devoção ao divino |
| 102 | FAMÍLIA BORGES Sempre-viva |
| 110 | FAMÍLIA DONA ISABEL Herdeiros de uma arte |
| 122 | FAMÍLIA MARIA JOSÉ GOMES DA SILVA Poéticas do feminino |
| 132 | FAMÍLIA ULISSES PEREIRA Tradição e silêncio |

os saberes populares, as gerações e a extensão

Benigna Maria de Oliveira
Pró-Reitora de Extensão da UFMG

Claudia Mayorga
Pró-Reitora Adjunta de Extensão da UFMG

É com alegria que apresentamos mais uma bela publicação do Programa de Extensão Saberes Plurais, da Universidade Federal de Minas Gerais. Se nas iniciativas anteriores fomos brindados/as com os saberes de mestres artistas do Vale do Jequitinhonha, agora temos em mãos construções que são frutos do diálogo desses mesmos mestres com seus discípulos.

Sabença é uma iniciativa que toca nossas mentes e corações, pois trata de um processo de criação, produção, afeto, memória e formação tão importantes para a visibilidade, o reconhecimento e a multiplicação da cultura popular de uma região do estado de Minas Gerais tão rica em saberes e fazeres dos mais diversos.

Ao homenagear os jovens artistas, com destaque para os saberes intergeracionais, as organizadoras desta obra demonstram grande sensibilidade em relação a um aspecto central da cultura popular. Como contribuir para que os saberes dos mestres sejam perpetuados e não se percam em processos de invisibilidade e desqualificação tão frequentes quando falamos de cultura do povo em nosso país? Como os jovens se apropriam da cultura e dos saberes de seus mestres e produzem suas próprias leituras, mesclando história, memória, presente e futuro em sua arte, trabalho e ofício? Como resistem a discursos e práticas que em nome da modernização, civilização e progresso acabam impondo o abandono dos saberes daqueles/as que contribuíram e contribuem para sermos quem somos?

Uma iniciativa como esta, que tem como objetivo *potencializar e fomentar o registro da memória dos Mestres de ofício e dos saberes intergeracionais produzidos e compartilhados nos processos de criação e produção em contextos comunitários*¹, é um belo exemplo de como a universidade e a extensão universitária podem colaborar com a democratização e pluralização dos saberes.

É importante destacar que a universidade também se desloca a partir desse encontro entre saberes e culturas. **Sabença** nos convida a democratizarmos a nós mesmos/as nas nossas práticas, saberes, espaços, encontros.

¹ PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA SABERES PLURAIS. **Objetivos**. Belo Horizonte: Saberes Plurais. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/saberesplurais>>. Acesso em: 9.10.2017.

O Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha teve início em 1996, concebido como um programa de desenvolvimento regional, na perspectiva de que desenvolvimento não significa crescimento econômico, mas sim um processo de mudanças estruturais que passa pela economia, pela cultura, pelas questões educacional, ambiental, agrária etc.

Organizado em sete áreas de atuação – Desenvolvimento Regional e Geração de Ocupação e Renda, Cultura, Comunicação, Direitos Humanos, Meio Ambiente, Educação e Saúde –, o programa confirma o compromisso da UFMG com o desenvolvimento econômico, social e cultural do país, enfrentando os desafios de atuar em uma região com tão grandes desigualdades. Atuar na região do Jequitinhonha é uma decisão política da instituição em função de seu compromisso enquanto universidade pública, empenhada na busca de soluções para os problemas da população para o exercício pleno da cidadania e superação das formas de exclusão e marginalização. Para cumprir esse compromisso, o Programa Polo mobilizou dezenas de professores, técnicos e centenas de estudantes com o conhecimento, a capacidade, o compromisso e a disposição para atuar na e com a região em ações que integram a extensão, o ensino e a pesquisa com resultados efetivos e positivos. O programa ultrapassa hoje bem mais de uma centena de ações realizadas, entre programas, projetos, cursos e eventos.

As equipes da universidade procuram consolidar em sua atuação na região as diretrizes que orientam o Programa Polo, entre elas, a necessidade de incorporar o conjunto da população do Vale na condição de potenciais promotores, indutores e beneficiários do desenvolvimento econômico, social e humano. Desse modo, a população para a qual o programa se destina interfere efetivamente no processo, redefinindo rumos e metas, reorientando ações, participando e criticando. Ou seja, a população do Vale não é um sujeito passivo, é um sujeito que a cada momento nos ensina, numa efetiva troca de saberes.

programa polo de integração da UFMG no vale do jequitinhonha

Maria das Dores Pimentel Nogueira

Coordenadora do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha

Nesse sentido, o Polo Jequitinhonha é um programa concebido e desenvolvido “com” o Vale, e não “para” o Vale. Os parceiros locais são, de fato, parceiros. Participam da concepção, do desenvolvimento e da avaliação dos projetos.

Na área de cultura, na qual se insere o Programa Saberes Plurais, que tem como um de seus produtos o livro **Sabença** – que dá espaço aos novos artesãos –, o Programa Polo tem atuado ao longo de 21 anos articulado ao movimento cultural do Vale, auxiliando artesãos na organização, divulgação e gestão de seus processos criativos, na comercialização de seus objetos de arte, no suporte aos grupos culturais e às organizações não governamentais, na realização de eventos, nas questões ligadas ao patrimônio material e imaterial, na proposição e discussão de políticas públicas etc. Também apoia na promoção de eventos, com efetiva participação de representantes do movimento cultural do Vale, com objetivos de ampliar a visibilidade, promover a discussão, a reflexão, os questionamentos e a divulgação de múltiplos olhares sobre a cultura do Vale do Jequitinhonha.

A atuação do Programa Polo Jequitinhonha propiciou à equipe desenvolver um grande respeito pela região, por sua gente valorosa, solidária e hospitaleira, uma grande admiração pela força do povo. No dizer de João Antonio de Paula¹, o Jequitinhonha é um testemunho decisivo da resistência e do poder transformador da arte e da cultura fundadas no povo, em suas aspirações históricas e imediatas, em sua capacidade de superar o que aprisiona e amesquinha a existência humana. Região diversa, “o Jequitinhonha é uma constante afirmação de que as dificuldades materiais, as desigualdades e a exclusão socioeconômica não são capazes de abater o ânimo firme de quem sabe que a última palavra ainda não foi dita, e que é possível construir a plena emancipação social, a que, efetivamente, significa liberdade e igualdade, diversidade e solidariedade”².

¹ Professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG e coordenador acadêmico do Programa Polo Jequitinhonha.

² PAULA, J. A. Texto de orelha. In: NOGUEIRA, M. D. P. (Org.). **Vale do Jequitinhonha: cultura e desenvolvimento**. Belo Horizonte: UFMG/Proex, 2012.

apresentação

Maria Aparecida Moura
Maria das Dores Pimentel Nogueira
Terezinha Maria Furiati
Organizadoras

Sabença, saber
cultivo, cultura, sabedoria, poesia, arte...
Mestres do Vale do Jequitinhonha, salvaguardas da herança,
da crença, da essência.
Resistência
Desejo de immortalizar, fazer perdurar.
Eternizar.
Transmissão ofertada pelos deuses, acolhida como dom,
desenvolvida como ofício.
Jovens artistas do Vale do Jequitinhonha
Acordo ancestral
Criatividade, fecundidade
Persistência,
Delicadeza, gasalho
Denúncia
na contemporaneidade.

Iniciado em 2012, o Programa Saberes Plurais se constituiu como um fórum de iniciativas populares e acadêmicas dedicadas à formação humana, à pesquisa, à produção de recursos informacionais, à promoção e à divulgação de ações destinadas ao registro do patrimônio imaterial, à sustentabilidade dos modelos comunitários de circulação da produção cultural tomando como referência o fortalecimento da cidadania cultural e a autonomia esclarecida como princípio.

Ao longo desses anos, o programa, apoiado pelo Ministério da Educação por meio do Programa de Extensão Universitária (ProExt), dedicou-se à identificação, ao registro, à preservação e à difusão das memórias dos mestres de ofício do Vale do Jequitinhonha buscando compreender a repercussão dos saberes lastreados por eles na formação de uma nova geração de jovens artistas. Mobilizados por essa compreensão, retomamos os fios dessas memórias intergeracionais em narrativas que evidenciam a urdidura, a (r)existência e o sentido de pertencimento que mobiliza e conecta esses saberes na contemporaneidade. Na teia criativa gerada, percebemos diferentes formas de aprender e produzir arte no Jequitinhonha. Há quem aprendeu com os pais, com o vizinho, em espaços comunitários, em rodas de conversa, na observação dos diferentes caminhos para produzir o admirável.

Em **Sabença**, reunimos os diferentes pontos de vista e narrativas da nova geração de artistas do Vale do Jequitinhonha, o protagonismo de jovens acadêmicos em formação extensionista e a ação entusiasta de pesquisadores do campo dos saberes tradicionais e da cultura em um esforço transversal de produção do conhecimento que emancipa.

Sabença é uma aposta coletiva na pluralidade dos saberes e no caráter transformador da arte como condições necessárias à nossa presença pública no mundo.

Boa leitura!

no vale de todos os jequitinhonhas

Márcio Simeone Henriques

Professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG
Membro do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha.

O Vale do Jequitinhonha costuma ser descrito a partir de vários elementos: a poeira, a aridez, o sol, o calor, o rio, por exemplo, vão formando seu ambiente. Os tropeiros, canoeiros, pescadores, artesãos, lavadeiras, romeiros são alguns de seus personagens sempre lembrados. A junção disso tudo compõe as suas muitas narrativas, forjadas tanto na dureza quanto na delicadeza da existência. São muitas as contradições, próprias de qualquer ambiente humano, muitas as diferenças. Mas tudo está lá, ao longo de um vale de muitos jequitinhonhas.

Os olhos sobre as paisagens vão compondo um mapa de variados tons, das chapadas aos fundos dos vaus, das montanhas de pedra à grande cordilheira, das matas aos cerradões, dos campos rupestres à caatinga, dos diamantes e águas-marinhas ao granito e ao minério de ferro. Grandes distâncias a vencer, caminhos difíceis, casinhas longe de tudo, quase isoladas do resto do mundo, onde se habita um outro espaço-tempo. De outro lado, cidades agitadas pelas multiconexões, juventudes com ânsia de possibilidades.

E tem as ausências, tudo aquilo que no Vale não houve e não há. A longa lista das carências, ali onde a modernidade entendeu de fazer um desvio, embaralha o sentido das coisas, alimenta as incertezas. É onde a vida (ainda) tem de ser produzida pelas próprias mãos. Gerações se sucedem nessa manufatura. Ela é mais que um vestígio do passado, é algo que produz continuamente a vida, que a anuncia, pronuncia e denuncia, na tradução de seus paradoxos.

Neste cenário, a arte de fazer a vida ainda é algo que se aprende e se ensina, mesmo em contextos improváveis, como pequena flor no deserto. Por isso nos espanta essa beleza. Esses fazeres não estão separados das pequenas (mas poderosas) narrativas de cada pessoa. São algo tão variado quanto toda a paisagem, mas têm em comum as sensibilidades e os desejos das gentes, as inteligências populares, misturadas às devoções, às místicas e à vivência mágica dos seus mistérios. Artesãos e artesãs colocam ali sua própria história, e é essa a força criativa de um grande (hiper)texto – mãos e mente integradas. Teria este povo a vida nas mãos?

a arte e os modos de (r)existência no vale do jequitinhonha

Maria Aparecida Moura
Mariana Ramos de Morais*
Terezinha Maria Furiati

* Doutora em Ciências Sociais pela PUC Minas com pós-doutorado em Antropologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS).

**Quis pegar entre meus dedos a manhã.
Peguei o vento.
Ó sua arisca!**

Manuel de Barros, "A menina avoadá"

Vivemos um tempo de perplexidades em que os reiterados esforços de diálogo entre as artes e os seus contextos de produção e circulação se encontram sob forte ameaça. Ondas de intolerância, preconceito e desconhecimento das condições sócio-históricas da produção artística ganham a cena pública e buscam, mais uma vez, hierarquizar e asfixiar saberes e fazeres no território em que se assenta a nossa condição humana. Essa camada turva que se situa entre as conveniências das políticas de ocasião e as possibilidades de expressão humana passa a indicar a uniformidade, a indiferença, a passividade e a pasteurização como ideais a serem alcançados.

Contudo, conforme destaca Arendt (1995, p. 28-29),

a tarefa e a grandeza potencial dos mortais têm a ver com a sua capacidade de produzir coisas – obras e feitos e palavras – que mereceriam pertencer e, pelo menos até certo ponto, pertencem à eternidade, de sorte que, através delas, os mortais possam encontrar o seu lugar no cosmo onde tudo é imortal exceto eles próprios.

Dessa perspectiva, compreende-se que a arte é um componente primevo do nosso estar no mundo, pois garante, em grande medida, o compartilhamento da experiência através da transformação, da desprivatização e da desindividualização.

Arendt (1995) assinala que o mundo comum é algo que herdamos ao nascer, mas que transcende a nossa contingência mundana, implicando fundamentalmente a sobrevivência do humano pela presença pública. Segundo a autora, as obras de arte garantem o "lar não-imortal dos seres mortais", na medida em que colocam em evidência a nossa capacidade humana de pensar. Nesse âmbito, a arte integra a condição de existência humana.

No contexto nacional, as práticas culturais próprias das diferentes comunidades do Vale do Jequitinhonha, às quais pertencem os artistas protagonistas deste livro, são, em geral, classificadas como cultura popular por agentes externos a elas. Trata-se de uma expressão adotada desde, pelo menos, o século XVIII para se referir, mormente, ao que não é considerado erudito, advindo das camadas populares da sociedade que estariam sujeitas às diversas formas de dominação.

É fato que esse sentido continua a ser evocado quando inferioriza os portadores, que também são produtores, de saberes transmitidos gerações após gerações agregando novos saberes ao longo desse processo. É fato também que outros sentidos são dados a essa expressão, a depender daquele que dela faz uso. Sentidos esses que foram criados, ou recriados, em conformidade com o momento de sua concepção, haja vista que toda formulação conceitual é histórica. E, apesar das críticas que a expressão cultura popular tem recebido – seja pelo etnocentrismo nela contido desde as primeiras concepções seja pela delimitação essencialista que ela propõe entre dois mundos, o erudito e o popular –, há, na contemporaneidade, uma persistência e mesmo uma valorização das práticas às quais essa expressão costuma ser associada (MIRA, 2014).

As culturas populares teriam – de acordo com autores que têm refletido sobre os efeitos da globalização sobre a diversidade cultural, como Hall (2002) – a capacidade de contrabalançar essa tendência, uma vez que entendidas como as guardiãs da tradição, dos conhecimentos fundantes de uma sociedade, da raiz. Esse último entendimento foi base para a formação dos Estados-nacionais, ou para a construção das comunidades imaginadas, nos termos de Benedict Anderson (2008), nos séculos XVII e XVIII, tendo reverberado ainda no século XX, destacando, especialmente, o caso brasileiro.

À cultura popular rendiam homenagens os modernistas da década de 1920, entre os quais Mário de Andrade, ao mesmo tempo que a incorporavam na ideia que construía de um Brasil formado a partir da junção das três raças. Uma ideia absorvida no projeto político constituído e implantado na década seguinte sob a ditadura Vargas (QUEIROZ, 1989). Essa ideia reverberou ao longo do século XX recebendo atenção não apenas do poder local, como também de instâncias internacionais, como a Unesco, quando a partir da década de 1950 a cultura popular foi exaltada sob o termo folclore. Termo esse que passou a ser repudiado na virada dos anos 1970 para os anos 1980, uma vez que foi interpretado como sinônimo de algo estanque, datado, inscrito em um passado, diferentemente da pujança observada nas práticas culturais que estavam vinculadas ao termo folclore. Tratava-se de práticas que exalavam vigor e que, por isso, demonstravam não estarem em vias de desaparecimento, embora aqueles que as manipulavam, ou que as revestiam de vida, fizessem reverência ao seu passado, ao legado de seus ancestrais, atualizando-os nos eventos festivos, nos cânticos acompanhados de danças, na produção de utensílios que também enfeitam os lares, na arte que reconta no barro, no metal, no couro o cotidiano sofrido, como o daqueles que habitam o semiárido mineiro.

Devido à maneira como a tradição se faz presente nessas práticas culturais, à expressão cultura popular foi acrescido o termo tradicional para lhes fazer referência. E, neste século XXI, passam a ser assim classificadas, ainda por agentes externos, mas também por seus próprios integrantes das comunidades onde são mantidas, criadas e recriadas continuamente. Nesse segundo caso, a adoção dessa classificação torna-se um recurso na busca da garantia de seus direitos como cidadãos.

Em que pese as reiteradas tentativas de classificação, quem conhece o povo do Vale do Jequitinhonha e, principalmente, a singularidade de suas manifestações artísticas percebe sua preocupação com a manutenção do simbolismo que perpassa suas crenças, com a conservação da herança deixada por seus ancestrais e com a preservação de sua cultura. Eles estão sempre buscando ações que consideram necessárias para que seu povo, em contato com o mundo moderno, não se perca.

Existe um fio condutor que perpassa as práticas culturais e os fazeres artísticos das diferentes comunidades do Vale do Jequitinhonha, às quais pertencem os protagonistas deste livro: a manutenção de suas tradições e de suas religiosidades. Essas tradições e religiosidades convivem com os avanços tecnológicos propiciados pela modernidade, com a proximidade com os saberes acadêmicos e com a luta diária que cada um trava por sua sobrevivência. Esses artistas, tal como propunha Ariano Suassuna com o movimento Armonial, inspiram-se e se respaldam na cultura popular. Constroem sua arte a partir de suas raízes, universalizam a expressão artística genuína e os sentimentos que permanecem

na vida e tradição de seu povo. Traduzem seus saberes nas imagens extraídas de contextos míticos; nas figuras enigmáticas, zoomorfas e antropomorfas; nos trajes de chita, encenações, danças e brincadeiras de rua e de praça; nos desafios, nas cantigas de roda e de ofício; nas diferentes encenações do boi; e em suas festas religiosas, elementos sempre presentes nas manifestações do povo do Vale.

Os mestres e a nova geração de artistas/artesãos da região são sujeitos cujo sentimento de pertencimento a uma comunidade, a um saber recebido pelos seus antepassados, é algo sagrado. Sendo assim, os elementos sócio-históricos, que compõem a arte e modos de (r)existência no Vale do Jequitinhonha, passam necessariamente pelos saberes intergeracionais compartilhados e reiterados como presença pública.

Acreditamos que a valorização do mundo comum como herança pública, a igualdade de condições de acesso à educação e à arte e a democratização dos meios de circulação da produção cultural local são elementos imprescindíveis para o encorajamento e a renovação das gerações de artistas dessa região.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- BARROS, Manoel. **Manoel de Barros**: poesia completa. São Paulo, 2013.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/lphan, 1996.
- HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo, 2002. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=117:acentralidade-da-cultura-notas-sobre-as-revolucoes-culturais-do-nossotempo&catid=8:multiculturalismo&Itemid=19>.
- MIRA, Maria Celeste. **Entre a beleza do morto e a cultura viva**: mediadores da cultura popular na São Paulo da virada do milênio. Tese (Livre-Docência em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultural, identidade nacional no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 1, n. 1, 1989.

Armando
Ribeiro
Sabedoria
transversal

Terezinha Maria Furiati

na car
a
ol
ação
ente
J.M.



JAN. 2017

A Terra do Sol nos presenteou com **Armando Ribeiro**, menino malino que adotou como terra natal a pequena e pacata cidade dos Iajedos, Carai, no Vale do Jequitinhonha.

Cresceu na roça, em uma família muito sensível. Sua mãe escrevia cartas para as pessoas que haviam migrado. Seu pai, caboclo sentimental que gostava de música e as ouvia permanentemente. A infância foi envolvida pela sensibilidade e pela poesia. A alma do artista foi sendo embalada desde muito cedo.

Inquieto, ainda bem jovem, deslocou-se para a capital das Minas Gerais. Andou, observou, estudou, descobriu outros mundos. Seu olhar deslizou pelas frestas da cidade grande e diversa, universo potente construído pelo homem.

A cidade grande incumbiu-se de descortinar para Armando o mundo real. Mundo da sobrevivência, das desigualdades, injustiças, da falta de poesia, do capital, das intolerâncias. Levou-o também a conhecer melhor os signos do encontro entre o negro, o índio e o branco – povo de sua terra. A educação por meio da história, o teatro e os jovens, a arte como instrumento de mobilização e construção da humanidade e resistência, fazendo o diálogo criativo com a cultura popular, foram suas escolhas. Escolha de voltar para a Terra do Sol, hoje também seu ateliê.

E o barro, a cerâmica, a poesia, as peças?

Em Carai, o menino Armando se encantava com os trabalhos dos artesãos de Santo Antônio. Nas feiras de sábado, seu olhar devaneava nas peças de Mestre Ulisses Pereira Chaves. O fantástico, o sonho, a poesia, a arte... Nas brincadeiras experimentava o barro, o durepox e as possibilidades dos materiais plásticos. Mas foi em busca da poesia que encontrou em si o que estava escondido. A concepção da poesia por meio do barro. Em vez do lápis, o sabugo de milho, ferramenta mágica do Vale do Jequitinhonha.

Entretanto, para fazer poesia com o barro, era necessário conhecer os mestres poetas do Vale, sua poesia, técnica e pesquisa. Entre eles, Rosa e família Pereira de Carai, Mestra Izabel e artesãs de Santana do Araçuaí, Mestre Ulisses Mendes de Itinga, Lira Marques de Araçuaí. Histórias diferenciadas, poesias diversas, vidas unidas pelo vale do rio. Não teve a influência familiar como a grande maioria dos artistas artesãos do Vale, e sim a ascendência maior, a conexão com o pensamento mítico do Vale, com a ancestralidade, com a expressão singular de cada mestre.

A poesia saltou de suas mãos. Primeiro a união das raízes e tocos mortos largados no chão com a terra viva, o barro. A busca de recolocá-los novamente unidos. O sentimento de fertilidade trazido pelo barro, pela Mãe Terra, que está além da figura da mulher. As forças da natureza que se interpenetram e geram o movimento da vida. A fertilidade, a abundância, a fartura – o prazer.

Falar da vida para nosso poeta significa também falar do povo do Vale do Jequitinhonha. Dar voz às forças ancestrais que ainda não estão desnudas, das religiões, do movimento social e cultural. O libertar das amarras, o entendimento da cultura do seu povo. A narrativa da esperança e a denúncia social, a sensibilização.

TEREZINHA FURIATI

Mestre em Educação, com especialização em História da Cultura e da Arte, ambos pela UFMG. Produtora cultural da UFMG. Coordenadora do Programa de Extensão Universitária Saberes Plurais.

O movimento Armorial, que até então era apenas uma simpatia, passou a fazer arte do seu cotidiano e lhe deu o norte que hoje está perseguindo – o fazer criativo em conexão com o popular sem perder o vínculo com a erudição.

A arte e a poesia são para Armando os tempos necessários para se conectar com o mundo de outras formas que não o capital, o trabalho, a obrigação.

“Hora de delicadeza, gasalho, sombra, silêncio. Haverá disso no mundo”?¹

A arte, o respiro – o sentir-se livre e inteiro na Terra do Sol e no mundo.

Seu trabalho é um exercício de criação, um exercício potente de Deus. É a sua conexão com a vida. Está ligado ao cotidiano, à observação principalmente do seu entorno.

Em São Jorge, “o santo guerreiro, proteção e guerra. As injustiças incansáveis”.

As bonecas – seu pedido de licença, sobretudo, às mestras bonequeiras do Vale, especialmente Mestra Isabel. “Sempre me pareceu que fazer bonecas de barro era um gesto de enfrentamento a uma infância partida pela força da indústria cultural, que fez gritar aqui as diferenças de classes sociais num momento em que a criatividade ainda não fora domada pela coerção social. Quem as faz sabe amar o gesto de fazer amor”, nas palavras do próprio artista.

O boi de janeiro, “os meninos que em cima dele leem, são seu exercício de liberdade e sonho”. “Os bichos de estimação são as mãos estendidas sobre a guerra e a escassez.”

“As crianças com os carrinhos de mão fazem frete em busca de uns trocados. Encontro entre a cultura da criança e a desesperança. São João Menino sobre a igreja vê quem o olha pelos olhos do menino que lê. É uma oração.”

Armando: poeta ceramista, ativista cultural, professor, ator... Homem menino da Terra do Sol.



¹ Trecho da canção “Anoitecer”, de José Miguel Wisnik.



Arnaldo das Graças Rodrigues

Eterno brincante

Terezinha Maria Furiati



Menino pobre e da roça começa cedo na lida. Ajuda os pais no trabalho diário e vai à escola. No pouco tempo que lhe sobra para brincar, tem de criar os próprios brinquedos.

Arnaldo foi um desses meninos. Seu fascínio pelos meios de transporte, principalmente pelos carros, levou-o a criá-los. Em sua infância utilizava caibas, cascas de pau, cacos de cuia, sementes... para fazer seus carrinhos. Mal sabia ele, mas tinha início ali sua trajetória como artesão.

Nascido em uma família de lavradores no município de Couto de Magalhães de Minas, Alto Jequitinhonha, Arnaldo não conheceu seu avô paterno, mas como herança recebeu dele as ferramentas e o dom de trabalhar a madeira – dádiva maior, a herança do ofício. Marceneiro prático e ferreiro por necessidade de criar suas próprias ferramentas, seu avô se destacou na região como um exímio artesão.

Arnaldo fez seu primeiro entalhe em madeira por volta dos 13 anos. Olhava nos livros e fazia igual. Mas seu ofício primeiro teve de ser interrompido na busca de sustento para a família. Passou a prestador de serviço em uma mineradora, sendo administrador de uma venda que tinha de tudo um pouco. Apenas nos momentos de folga esculpia. Os entalhes na madeira eram os possíveis, pois não podia se valer de muitas ferramentas e era necessária a interrupção a qualquer momento para atender a freguesia. O tema preferido de Arnaldo eram os casarios de Diamantina. Seus quadros entalhados eram grandes, e as ferramentas utilizadas, assim como seu avô fazia, eram criadas por ele mesmo. Seus trabalhos eram vendidos em Diamantina e, algumas vezes, na própria mineradora.

Mas a mineradora fechou, e foi preciso pensar em outro modo de sobreviver e criar a família. O tempo gasto para produzir os quadros e a dificuldade cada vez maior para conseguir a madeira apropriada para seu trabalho fizeram Arnaldo buscar alternativas.

E foi aí que a paixão pelos carros, guardada na memória, falou mais alto. O trabalho foi sendo construído aos poucos. O que mais o fascina são os designs dos meios de transportes antigos: motos, caminhões, carros de boi, ônibus, trens... Sempre gostou de admirá-los, prestar atenção em cada detalhe, cada novidade. Era chegado o momento de colocar em prática o seu primeiro desejo. Começou pela pesquisa. A fotografia foi muito utilizada para observar, com calma, cada detalhe. Seu grande desafio era construir, em madeira, réplicas perfeitas dos meios de transporte antigos, pois os considera mais bonitos e interessantes que os atuais.

Estudar, observar, desenhar, calcular, fazer gabaritos, moldes, montar os protótipos. Aprová-los e executá-los. As primeiras etapas são as mais importantes. O trabalho é intenso e a inquietude do escultor o faz sempre construir réplicas de novos modelos. A maria-fumaça que rolava nos trilhos pelas bandas de Diamantina será em breve o seu novo produto.

Para viabilizar o trabalho, utiliza retalhos de madeira (cedro e vinhático, em sua maioria) e, para auxiliá-lo na produção das peças, conta com a ajuda de uma máquina para desbobrar a madeira. Na montagem, usa apenas cola. O acabamento é feito com lixas e, para o envelhecimento das peças, extrato

TEREZINHA FURIATI

Mestre em Educação, com especialização em História da Cultura e da Arte, ambos pela UFMG. Produtora cultural da UFMG. Coordenadora do Programa de Extensão Universitária Saberes Plurais.

de noqueira e cera. Diversas de suas ferramentas são desenvolvidas por ele mesmo, pois muitas vezes é necessário criar uma com a qual consiga reproduzir um detalhe especial de um modelo.

Todo fim de semana Arnaldo está no mercado de Diamantina expondo e vendendo seus trabalhos. Ele diz que a venda ultimamente está boa, motivo pelo qual não tem participado de feiras. Seu trabalho é minucioso, suas miniaturas são reproduções idênticas ao real.

Vontade não falta de que os filhos (que são três) sigam seu ofício, mas até hoje nenhum deles demonstrou interesse em aprender. Já se dedicou a ensinar o seu trabalho a jovens. Também nenhum deles, até hoje, firmou-se no fazer. Desistem logo dizendo que é muito trabalhoso e difícil. E assim sua produção segue pequena e seu trabalho, solitário, o que não o impede de ter suas obras espalhadas pelo mundo. Suas réplicas também estão em alguns museus relacionados à arte popular.

A arte para Arnaldo “é um dom, vem na mente, o que penso desenvolvo. É uma inspiração, um talento dado por Deus, o grande criador. Incorporado ao dom da arte está o dom da sobrevivência. Viver da arte em nosso país é muito difícil, é necessário ser artista para criar, produzir e também para vender”. É preciso ainda ser contador de estórias: narrar as histórias dos carros originais, das réplicas criadas, do fazer artesanal, do simbolismo e representatividade de cada uma das peças.

Arnaldo gosta também de fazer oratórios de madeira em estilo barroco, mas hoje só os produz sob encomenda. Diz, com tristeza, que diante da situação atual do Brasil não é possível sonhar. Sonhar é produzir e vender para se ter uma condição de trabalho e vida.







Gildásio Jardim
Territórios da arte

Camila Magalhães

Gildásio Jardim nasceu em Joáima, no Baixo Jequitinhonha, em 1981. Cresceu na zona rural ao lado de seus pais, camponeses. Vivia cercado pelo homem do campo: agricultores, vaqueiros e peões permearam a sua infância. Desde muito novo já desenhava, desenvolvendo os primeiros traços de maneira autodidata. Ele considera que sua primeira grande tela foram as estradas de terra, que depois da chuva eram riscadas pelo menino cheio de imaginação.

Mudou-se para Padre Paraíso aos 9 anos, onde mora até hoje. Aos 13, começou a trabalhar em um bar. Nos dias de menor movimento, Gildásio mergulhava de cabeça nas histórias de livros. Foram aproximadamente 110 obras lidas, ele diz, orgulhoso. Ao conversar com o pintor, percebemos a influência que esse hábito de leitura trouxe para sua vida: sua fala é poética, uma costura entre suas vivências e as estórias de grandes mestres da literatura, como Manoel de Barros, Rubem Alves e Guimarães Rosa.

Mesmo devorando tantos livros, sua fome por arte e conhecimento não estava saciada. É nesse momento que o desenho toma força. O jovem começou a fazer experimentações com pintura. Sua criatividade atingia até mesmo os materiais que eram utilizados no seu ofício. Quando começou a pintar, ele desconhecia o que era uma tela. Alguém lhe falou que tela seria um tecido esticado em quatro pedaços de madeira. Foi então que Gildásio pensou: “se eu consigo construir meus carrinhos, eu consigo fazer uma tela dessa”. E assim o jovem construiu sua própria tela, bem como suas tintas (uma vez que não tinha dinheiro para comprar os materiais). O que começou como brincadeira acabou se tornando a principal característica de suas obras: anos mais tarde, Gildásio passou a fazer suas telas com chita, enriquecendo a poesia do seu trabalho com as mais belas cores das estampas dos tecidos.

Sua trajetória e dedicação para as artes não foram tão linear quanto parece. Seu contexto sempre parecia levá-lo para a contramão da sua vida artística: o jovem tinha de trabalhar em outras atividades para ajudar no sustento da família, o que acarretava menos tempo para as artes. Mesmo com tantas dificuldades, Gildásio nunca deixou de desenhar. Ele continuou fazendo experimentos na pintura e, atualmente, revela-se como uma grande potência artística do Vale do Jequitinhonha. Atualmente o professor municipal de Geografia, Filosofia e Sociologia vive um momento de transição, em que seu objetivo maior é viver somente de pintura.

Aos 24 anos conheceu Armando Ribeiro, ceramista de Padre Paraíso. Eles se tornaram grandes amigos e companheiros nas causas sociais e artísticas da região. Armando foi uma das primeiras pessoas com sensibilidade para as questões artísticas e regionais com quem Gildásio teve contato, tornando-se uma grande referência em sua vida.

Um grande divisor de águas em sua vida foi a sua ida para o Festival – Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha – em 2006. O festival reúne anualmente artistas e apreciadores da cultura popular com o objetivo de dar voz e vez ao povo da região. O evento mostra que o Vale é mais do que toda a miséria e fome pintada pelas grandes mídias: o Vale é força, é sonho e luta diária de um povo, manifestadas nas mais belas formas de arte. Essas manifestações ecoaram em Gildásio, que percebeu que havia mais pessoas que, assim como ele, estavam interessadas em transformar em arte o cotidiano e a realidade do povo do Vale. Uma de suas grandes inspirações foi João Alves,

CAMILA MAGALHÃES

Estudante do curso de graduação em Dança
na Escola de Belas Artes – EBA/UFMG.
Bolsista do Programa de Extensão Saberes Plurais.

ceramista de Taiobeiras. Gildásio viu sua vida nas peças do oleiro: “Esse cara faz tudo que eu vivi também. E vendeu tudo! Achei massa demais.” Gildásio voltou para casa cheio de “temas” para pintar, todos ligados à regionalidade do Vale. Nos anos seguintes, o pintor passou a expor suas obras no festival, recebendo boas críticas sobre o seu trabalho.

Seu olhar para as questões do Vale também foi aflorado quando começou a cursar graduação em Geografia, em 2005, então com 24 anos de idade. Durante o curso, o artista teve contato com diversos movimentos sociais. A partir dessas vivências Gildásio ficou cada vez mais sensibilizado para as questões regionais, políticas e artísticas do Vale. Ele começou a participar de diversos movimentos políticos, como associações culturais e de bairro da sua cidade. Suas pinturas também se tornaram sua ferramenta de ação política, com o aparecimento de temáticas envolvendo questões de gênero, raça, religião, etnia, entre outras, no que o pintor chama de “obras provocantes”. Tais pinturas nem sempre agradam a seu público, de maioria “burguês”, diz Gildásio, o que faz com que ele perca mercado. Ainda assim, o pintor insiste em abordar temas políticos em suas obras, pois acredita ser essa uma das funções do artista: refletir pública e artisticamente acerca do contexto que o cerca.

Gildásio observa o cotidiano do seu povo para fazer suas pinturas. Seu olhar atento existe desde criança, quando admirava as estampas dos tecidos que sua mãe utilizava para costurar as roupas dos camponeses. Essas lembranças dançam em sua mente, tal como a estampa de flores do vestido de chita das mulheres que moíam o café no pilão ou como as riscas das blusas dos homens que capinavam a roça dos quintais de sua vida.

Os olhos de Gildásio possuem lentes de poetas como Manoel de Barros, cujas palavras inspiram o modo de o pintor ver o mundo: “*O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. / É preciso transver o mundo. / Isto seja: / Deus deu a forma. Os artistas desformam. / É preciso desformar o mundo: / Tirar da natureza as naturalidades*”.¹ Seus olhos carregam um estranhamento em relação ao mundo e são capazes de enxergar além do que está dado em um primeiro momento, resignificando as cotidianidades do Vale. Gildásio vai além, sua arte transcende o cotidiano, “que não serve para nada, no final, mas as coisas que não servem para nada são as mais importantes, às vezes”. A vida não basta, parafraseando Ferreira Gullar, é preciso ir além, é preciso a arte para transcender. “Já que a gente é incompleto, a gente tem que tentar a arte para sobreviver.”

Seu olhar, atento e sensível, procura capturar a “poesia estética” que cada pessoa carrega. “Cada ser humano tem uma estética corporal que é única, e eu acho isso bonito”, diz Gildásio. Para tal, o pintor tenta ver o ser humano como se fosse um animal, como se ele não fosse da mesma espécie, de modo a captar a poesia que o homem tem no seu comportamento mais espontâneo (outra influência de Manoel de Barros). “O ser humano é um bicho muito bonito de se ver”, diz o pintor.

Para além do registro em sua memória, o artista também cria registros fotográficos do dia a dia da sua circunvizinhança com seu celular. A partir disso Gildásio pinta a cena registrada, fazendo uma fusão da imagem registrada com a estampa do tecido. Mais do que as cores das tintas, também se funde a personalidade do personagem retratado com as estampas presentes na chita.

Personalidade essa carregada com o cotidiano do povo do Vale, do homem do campo, do sertão, da vida simples na roça. Assim como as cores e a expressividade dos quadros, também é forte a ação política que suas telas trazem. Por meio do retrato do cotidiano, Gildásio dá voz a sujeitos invisibilizados pela sociedade. Seus quadros possuem voz, cheiros, movimentos; carregam consigo histórias de vida do povo do Vale.



¹ BARROS, Manoel. As lições de R. Q. In: - **Meu quintal é maior que o mundo**: Antologia. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015.







Gilson Alves
A vida sempre tá boa

Nayara de Oliveira

No meio dos taboais, crianças brincavam, corriam para um lado e para outro enquanto seus pais colhiam a taboa. As mães levavam as crianças para cuidar delas enquanto trabalhavam. Com toda a energia de menino pequeno, em meio às brincadeiras, ajudavam seus pais amarrando a taboa debaixo do pé de manga. São memórias da infância de **Gilson Alves Menezes**, que nesse enredo inicia o seu ciclo com a arte da taboa. Diante da peleja da vida da roça, a terra seca e quente adiantava a passagem de menino para homem.

Gilson nasceu e viveu seus 51 anos de vida na cidade de Itaobim. Seus pais, Sebastião Gomes Dias (Sebastião Caribu, como era conhecido) e Rivaldina Maria Alves Menezes, agricultores, cuidaram de cinco filhos, sendo três de criação.

Em suas narrativas, o artesão demonstra que viver é, além de tudo, arte. É por meio da sensibilidade de reconhecer a natureza como matéria-prima para suas obras que o artesanato existe enquanto um meio de sobrevivência na vida dessas pessoas. Antigamente era tudo difícil, conta Gilson: “A gente plantava na roça feijão, arroz, mandioca e vendia na feira. Muitas vezes mãe tirava comida da nossa boca pra vender na feira. Depois com um trocado ela comprava uma roupa ou outra coisa pra gente”. Os calçados eram feitos com pneu e um pedaço de couro. As casas eram de pau a pique com telhados de capim. Para dormir, uma esteira em cima do couro de boi. Na cozinha, cuia de cabaça, potes de barro e botija para colocar água. “Era tudo assim, a natureza dava tudo pra gente”, diz o artista.

Gilson é um homem que leva a vida na simplicidade. Ele transmite o ensinamento de que devemos ser gratos à natureza pelas riquezas por ela oferecidas. Seu chão lhe fornece o alimento, o trabalho, o artesanato, a vida e a taboa. Em suas palavras, afirma: “Deus deu o mundo pra todos viverem, e a natureza é o meio de sobrevivência, basta nela buscar, plantar e colher...”. Foi dentre os taboais, plantações e cursos d’água do rio Jequitinhonha que se fizeram as memórias de Gilson.

O conhecimento com a taboa foi trazido tradicionalmente por sua família. Gilson afirma ser sua tia Mestra Dona Pretinha (já centenária em seu ofício) quem abriu o comércio de esteiras a quem veio depois. Seus avós e seus tios foram uns dos pioneiros do artesanato em taboa na região. Dona Pretinha deixou a seca em Araçuaí para morar em Itaobim com os familiares. Foi então que eles trocaram o trançado com a palha de bananeira pela taboa, uma vegetação abundante na beira do rio Jequitinhonha. Foi em torno da taboa que a história de vida dessa família foi trançada.

Suas maiores inspirações para continuar fazendo e ensinando artesanato aos mais jovens são seus parentes antigos, estes com quem ele cresceu observando e aprendendo a arte de viver. Eles lhe ensinaram a tradição do uso da taboa, assim como todo o aprendizado de vida em volta dela. Gilson diz ter crescido em meio a Dona Pretinha, Seu Moisés, Dona Iracema e demais tios, avós, primos e vizinhos. É se lembrando de suas trajetórias que Gilson busca o ânimo e a inspiração para continuar seu trabalho. A força também vem das crianças, que trazem a alegria, a renovação e a vontade de aprender. O artista acredita que serão esses pequenos que vão levar a tradição adiante. Para tanto, ele afirma que é preciso ter carinho, paciência, jeito e calma para ensinar com perfeição.

NAYARA DE OLIVEIRA

Estudante de Ciências Sociais na Fafich/UFMG.
Bolsista do Programa de Extensão Universitária
Saberes Plurais

Hoje Gilson é membro e presidente da Associação de Artesãos da Estação da Luz (ArteLuz). A Arteluz nasceu a partir da visita de membros do Programa Comunidade Solidária¹ e Artesanato Solidário (Artesol)². Os artesãos aprenderam sobre associativismo e empreendedorismo, bem como técnicas para produzir outras peças com a taboa além da esteira. Hoje eles fazem sofás, bancos, cadeiras, caixas artesanais... Além de produzirem as peças juntos, os artesãos ensinam às crianças e jovens o artesanato, para que se mantenha a tradição e futuramente também possa a taboa ser fonte de renda extra para as futuras famílias. Gilson conta que esses trabalhos contribuem para tirar muitos jovens do caminho das drogas, oferecendo-lhes um emprego, ainda que seja muito difícil viver do artesanato.

Através dessa trajetória de muito trabalho ao longo da vida, Gilson demonstra a felicidade de suas companheiras e companheiros artesãos que vivem da taboa ao conseguirem construir suas casas, comprarem roupas, sapato, sofá, carro, tudo mediante o trabalho minucioso com a taboa. “A gente ganha nosso dinheiro limpo e honesto, e passa para as crianças os conselhos”, orgulha-se.

O aprendizado deixado por Gilson é que toda essa concepção que as pessoas têm sobre o “Vale da fome” mascara o “Vale da alegria”. Foi assim que ele aprendeu com Seu Ulisses, Dona Isabel, Dona Lira, João Alves e outros mestres. “Essas pessoas contam as verdadeiras histórias do Vale. O Jequitinhonha é rico de cultura, de vivência, de terra. A pobreza existe, mas tem como a gente tirar da natureza o sustento, basta ter a inteligência de fazer o artesanato.”



¹ Programa do Governo Federal criado em 1995 para gerenciamento de programas sociais. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/article/view/130>>. Acesso em: 5 set. 2017.

² Programa social de combate à pobreza criado em 1988 em regiões que sofrem com a seca. Disponível em: <<http://artisol.org.br/institucional/>>. Acesso em: 19 ago. 2017.



João Alves

Crônicas afetivas do Jequitinhonha

Maria Aparecida Moura



João Alves nasceu em 1964 em Tingui, arredores de Taiobeiras, no Vale do Jequitinhonha.

Cronista do cotidiano do povo simples da região, João atentou-se para a arte da cerâmica já na infância. As visitas que fazia ao pai na olaria da cidade eram um momento mágico e a oportunidade de levar consigo pequenas porções de barro e esculpir objetos e animais em brincadeiras cotidianas.

Naquela época as pessoas perceberam que ele tinha talento e o incentivaram a tentar outros tipos de objetos. Assim, começou a criar presépios e a aperfeiçoar a sua habilidade como escultor.

Com o passar do tempo, despertou-se para o interesse de contar histórias através de suas esculturas. Recorda-se que a primeira pessoa em quem se inspirou para criar esculturas foi a avó que trabalhava como fiandeira e, a partir dela, criou muitas outras diferentes. Hoje são mais de 100 histórias e ofícios materializados por sua escultura minuciosa. Nada parece escapar ao seu olhar aguçado e atento.

É possível notar uma forte influência e diálogo da obra de João Alves com a de Maria Assunção Ribeiro, artista de Taiobeiras, falecida em 2002. Ambos tomaram como referência estética os saberes e fazeres da vida rural.

João acredita que cada artista tem a sua marca, origem e história.

O artista se diz comovido pelas diferentes formas de o público apreciar o seu trabalho. Percebe que cada um consegue ver uma história diferente nele. Ainda se lembra de uma ocasião em que expunha em uma feira da UFMG e conheceu uma senhora que foi às lágrimas diante de uma de suas esculturas, que, segundo ela, retratava em detalhes a história dela. A senhora acabou por comprar a peça e a história de ambos foi eternizada em jornal que registrou esse momento sublime do encontro entre o artista e o seu público.

Para João Alves a escultura mais marcante foi o oratório, que ele chama afetuosamente de “a devota”. Com esse trabalho, João ficou em quarto lugar em um concurso organizado pela Unesco em 2005. Ele se lembra que eram mais de 200 artistas e que, entre eles, ficaram Dona Isabel em primeiro lugar, Noemisa em segundo e Ulisses Pereira em terceiro.

Destaca que a arte é um dom, algo muito importante na vida das pessoas. Para ele, as pessoas que valorizam a arte são, elas mesmas, verdadeiros artistas também. Nesse sentido, sonha com a ampliação das formas de valorização da arte e em continuar o seu trabalho e a sua capacidade de imaginar e criar, a cada dia, uma nova escultura-história capaz de encantar as pessoas.

João é casado com Sônia, com quem tem dois filhos. Com ela divide o ofício de dar vida e dignidade às histórias das pessoas do Vale.

O Vale do Jequitinhonha tem um lugar especial em sua vida. Para o artista, o Vale representa tudo de bom. É um lugar de pessoas simples e lutadoras que vão sempre em frente, sem nunca abaixar a cabeça diante das dificuldades.

MARIA APARECIDA MOURA

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/ São Paulo. Pós-doutorado em Semiótica Cognitiva e Novas Mídias pela Fondation Maison des Sciences de l'Homme - FMSH/ Paris. Professora Titular da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Coordenadora do Programa de Extensão Universitária Saberes Plurais.

Para João todas as vidas do Vale são importantes e, desse ponto de vista, esforça-se para, por meio de sua arte, torná-las públicas e admiráveis.







Leonardo Batista
Pluralidades franciscanas

Deise Barreto Silva

Leonardo Batista dos Santos nasceu em Belo Horizonte em 1º de outubro de 1976, filho de Hélio Batista dos Santos e de Marilda Batista dos Santos, porém foi criado na cidade de Jequitinhonha, no Baixo Vale do Jequitinhonha.

Revisitando suas memórias, o artesão conta – com fala mansa, pouca – que, na época em que nasceu, as mulheres eram muito submissas aos maridos, e uma mulher separada do marido era estigmatizada; condição que era considerada uma grande vergonha para os pais dela.

A história que ele ouviu de seus pais adotivos é de que sua mãe biológica retornou de Belo Horizonte para Jequitinhonha já separada e o levou, ainda criança, para a casa dos pais dela. O avô de Léo não o aceitou em casa devido à situação da mãe. E o artesão acredita que, em função da situação de submissão da avó, ela consentiu que o neto fosse abandonado “na rua”.

Antes de ser adotado, Leonardo lembra que uma família de descendentes de alemães residente na cidade o acolheu em casa para criá-lo. Acometido por uma enfermidade, seu corpo se encheu de feridas e, em razão da dificuldade de acesso a atendimento médico, desconhecendo a natureza das feridas, foi novamente abandonado pelo casal. Leonardo ficou na rua por algum tempo até ser adotado por Elsa Pereira – D. Elza Có –, que já criava seis filhos.

Foi com sua mãe adotiva, a quem carinhosamente chama de “minha dama de ferro”, que Leonardo aprendeu o ofício do artesanato com o barro. Aos 7 anos de idade, observando a mãe moldar o barro para fazer panelas, ele pegava o barro e fazia seus próprios brinquedos, bois e carrinhos. Iniciava-se ali, de forma lúdica, seu trabalho com cerâmica.

Leonardo conta: “Minha mãe fazia panelas e vendia para inteirar o toucinho, a farinha com feijão catador para a gente comer”. O jovem artista cresceu nesse ambiente de fraternidade. A hospitalidade é uma das características mais marcantes e lindas do povo do Vale. Independentemente das carências financeiras, há sempre uma mandioca cozida, um feijão ou um arroz bem temperado para dividir.

Dona Elsa Pereira de Andrade conta hoje seus 85 anos, teve 12 filhos e criou muitos outros adotivos. Até hoje, ela organiza o boi de janeiro da cidade de Jequitinhonha e faz parte do reisado. Um exemplo de vida para o jovem artesão, que tem suas peças comercializadas em várias regiões do Brasil.

A inspiração para fazer sua arte, em especial as estátuas de São Francisco, ele conta que advém da própria vida de São Francisco, um homem rico que deixou tudo para viver para Deus e cuidar dos pobres. Suas peças apresentam São Francisco em cenas diversas, ligadas à natureza e aos animais, sempre impregnadas de singeleza e emoção.

Leonardo afirma que o ofício de artesão foi um dom que recebeu de Deus. Diz que nunca teve um professor, e sim o privilégio de aprender com “Didi”, um grande artesão da cidade de Jequitinhonha que lhe ensinava algumas “coisas”.

As coisas que aprendeu foram sendo lapidadas a cada nova peça. Um trabalho que encanta por sua beleza singular.

DEISE BARRETO SILVA

Estudante do curso de Graduação em Letras da UFMG.
Bolsista do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha.







Márcio Barbosa Silva
O sagrado em perspectiva

Terezinha Maria Furiati

A paixão em fazer surgir santos de pedaços de madeira e pelotas de barro deu a **Márcio Barbosa Silva** o apelido de Marcinho São Francisco.

Marcinho se considera filho de artistas. Seu pai era oleiro, a mãe, ceramista – dedicava-se ao fazer de potes, vasilhas e presépios – e seu avô, seleiro.

Em meio à vida diária familiar, no município de Araçuaí, Vale do Jequitinhonha, onde nasceu, sua brincadeira era fazer presépios. Seu interesse pela arte foi despertado, ainda menino, por Zefa (uma das mais importantes artistas do Vale do Jequitinhonha). Marcinho morava em uma casa de parede-meia com Zefa. Sua diversão era ir para a casa dela escutar as histórias de Lampião, de assombração, lobisomem, curupiras, sacis... Zefa tinha prazer em assustar a meninada com suas traquinagens. Escondia-se e criava mil formas para que eles experimentassem o medo do sobrenatural.

O encantamento de Marcinho por Zefa era tanto que o menino não desgrudava. Quando ela estava trabalhando, ele também estava ao lado dela, observando, tentando modelar e sendo incentivado pela grande artista. À época, Zefa trabalhava com o barro cozido (o barro, com um pouco de farinha de trigo, era cozido para depois ser modelado. Não fazia a queima das peças. Depois de secas, naturalmente estavam prontas para serem vendidas).

Marcinho gostava de representar os personagens das histórias de Zefa no barro. Lobisomens, sacis, Lampião. Conta com alegria, mas ela não gostava que repetisse peças. Instigava-o a criar novos objetos.

Rapidamente Zefa percebeu o talento do menino e passou a incentivá-lo. Levava-o para ajudá-la a ministrar oficinas, preparar o barro, escolher, buscar e preparar as madeiras, participar de exposições. Incansável em sua tarefa de ensiná-lo a trabalhar, Zefa se transformou em sua mestra. Marcinho sempre seguiu seus conselhos e passos. Quando Zefa começou a trabalhar com madeira, ele seguiu o mesmo caminho. Discípulo fiel, identidade própria.

Aos 13 anos, aproximadamente, Marcinho vendeu seu primeiro trabalho para uma australiana que foi visitar Zefa, um Cristo crucificado esculpido em madeira. Estava selada a preferência do nosso jovem artista.

Frei Chico, pároco em Araçuaí naquela época, absolutamente encantado com a cultura e a arte do povo do Vale, propôs a Marcinho um desafio: fazer alguns quadros em relevo para a capela franciscana em Citrolândia – Betim/MG. Marcinho não só fez os quadros, mas também as esculturas. Selou-se ali a caminhada de Marcinho, um artista sacro que carrega grande influência de Aleijadinho.

Marcinho frequentou escola por pouco tempo, mas busca conhecer os grandes artistas e seus trabalhos. Sempre que tem oportunidade, frequenta cursos de história da arte, dedicando-se ao estudo, principalmente, da arte barroca e do rococó – grandes inspirações.

Na época em que morou em Belo Horizonte, trabalhou em antiquários, restaurando e esculpindo. Aprendeu muito, mas não gostou, pois não podia

TEREZINHA FURIATI

Mestre em Educação, com especialização em História da Cultura e da Arte, ambos pela UFMG. Produtora cultural da UFMG. Coordenadora do Programa de Extensão Universitária Saberes Plurais.

criar. Largou tudo e voltou para Araçuaí em busca de seu desejo de criar e construir seu próprio trabalho.

Seus materiais preferidos são o barro e a madeira. Segundo ele, a madeira já traz em si a peça. Basta olhar profundamente para ela que a peça surge. Aí é só tirá-la de dentro da madeira. Além do próprio material, outra fonte de inspiração vem da religião, da Bíblia, da natureza. O silêncio da beirada do rio, local onde seu pai trabalhava, é também sua grande fonte de iluminação.

Para Marcinho, “o artista é uma pessoa que deve ter humildade ao lidar com a arte e com as pessoas. Tem que procurar observar tudo a sua volta em busca de inspiração. Precisa agradecer à Mãe Natureza pelo material que ela oferece para que ele desenvolva seu dom. Deve sempre agradecer ao Criador pelo dom recebido. O dom do artista nunca pode ser motivo de orgulho, mas apenas de agradecimento”.

Viver da arte no Vale do Jequitinhonha é para ele uma grande honra. Afinal, ser um artista que tem peças espalhadas pelo mundo inteiro, saído de um lugar a que as pessoas se referem como miserável, pobre, feio e seco, parece ser um desaforo. Fato é que esse Vale deu origem a pessoas de bem, grandes artistas, que receberam o dom divino em meio a tanta diversidade. Tendo recebido o dom de Deus, Marcinho considera que precisa usá-lo, trabalha vorazmente para levar ao mundo os representantes da Igreja: Cristo, santos, anjos, querubins e cenas da Bíblia.

Pessoa simples, acolhedora e cativante, demonstra grande amor pela arte e pela vida. Mesmo às vezes pensando em desistir do seu ofício devido a grandes dificuldades enfrentadas, Marcinho, ao deparar com o material que a natureza lhe dá, refaz-se, agradece, recomeça e nos deixa sua expressão artística como presente.





A close-up photograph of a hand with dark skin holding a yellow marker, painting a small, light-skinned doll. The doll is wearing a white dress with pink floral patterns and has black hair styled in a bun. The background is a vibrant pink fabric. The text is overlaid on the left side of the image.

**Maria Teresa Gomes
Cordeiro**
Ancestralidade feminina

Amanda Soares

Maria Tereza Gomes Lima Cordeiro, afetuosa chamada apenas de Tereza, sempre morou no Vale do Jequitinhonha. Lugar de memórias boas, outras nem tanto, mas de ensinamentos da vida. Pela dificuldade do estudo e do acesso em Córrego do Quilombo, zona rural onde nasceu, aos 9 anos, mudou-se com a família para a comunidade de Campo Alegre, Turmalina, onde reside atualmente.

Campo Alegre é uma comunidade de mulheres ceramistas que antigamente confeccionavam objetos utilitários necessários à vida diária. Hoje a cerâmica de Campo Alegre se compõe de uma variedade enorme de utensílios e esculturas numa constante renovação de cores, formas e desenhos que demonstra claramente a criatividade e dedicação daquelas mulheres a seu ofício.

Tereza, mulher privilegiada. Nasceu em uma família de mulheres ceramistas, que cuidaram e cuidam, com muito esmero, da tradição do fazer ancestral cerâmico. Sobrinha e filha de mulheres ceramistas que são referências na comunidade, e que trabalharam a vida inteira utilizando os ensinamentos de suas antepassadas – a mesma forma de preparar o barro e o levantar das peças. As tintas, a pintura, a construção dos fornos, os segredos das madeiras a serem utilizadas, a compreensão do tempo da queima, a intensidade do fogo... a magia.

A quinta de oito irmãos. Não teve tempo para muitas brincadeiras nem para estudar, já que, devido às grandes dificuldades, começou cedo a trabalhar para ajudar os pais, Pedra Gomes Barbosa e Paulino Lima Barbosa. A responsabilidade de cuidar dos irmãos menores era grande, a satisfação maior era aos domingos, quando se juntava às colegas para fazer guisado na beira do córrego e assim se divertia.

O artesanato esteve presente desde sua infância. Tereza ficava olhando sua mãe, Pedra, e suas tias Jacinta e Vitalina (a artesã viva mais antiga da região, nascida em 1910, que conta que aprendeu o ofício com sua avó) modelando peças em argila. Todo o processo do fazer era observado com muita atenção e curiosidade. Em seguida, tentava fazer igual, mesmo achando difícil, por considerar que não tinha muita habilidade.

Apesar das primeiras dificuldades, Tereza insistiu no ofício e na arte que especialmente admirava. Arte essa que estava presente em praticamente todas as casas de sua comunidade. Que brotava das mãos de cada uma das mulheres enquanto vigiavam seus filhos brincando no terreiro.

Arte que se fazia presente nas mulheres de sua família. Como não ser fisgada por esse fazer, por essa magia de transformar a terra em expressão, em utilizá-la para falar do seu sentimento, seu mundo e suas aspirações?

Tereza foi arrebatada, e hoje se orgulha e se encanta toda vez que vive o processo de pegar da natureza o barro, socar, peneirar, amassar e começar a moldar uma peça vinda de sua imaginação: “Para modelar uma peça de qualidade, precisa estar inspirada, com amor, paciência, vontade e com muito carinho”. E tudo se forma, como algo natural, nascido com ela.

Para Tereza, “o artesanato é o que representa o Vale, porque é tradição de famílias, de mães para filhas”. Segundo Tereza, o artesanato mudou a vida de

AMANDA SOARES

Estudante do curso de Graduação em Turismo no Instituto de Geociências – IGC/UFMG. Bolsista do Programa de Extensão Universitária Saberes Plurais.

muitas pessoas do Vale, deu oportunidades, renda e reconhecimento. Oportunizou às mulheres o protagonismo, a liberdade de criar, de falar de seus desejos, de suas percepções de mundo. Deu a elas autonomia.

Hoje, com 39 anos, casada, Tereza faz do artesanato um modo de viver. É membro atuante da Associação dos Lavradores e Artesãos de Campo Alegre há 19 anos. Demonstra com seu sorriso e espontaneidade sua alegria e orgulho de ser uma artesã. Trabalha incentivando outras jovens e dando continuidade ao trabalho de sua família e de sua comunidade, que é uma das maiores comunidades ceramistas tradicionais do Vale do Jequitinhonha.







Marlice

Tramas, tradição e fé

Terezinha Maria Furiati

Maior riqueza é o trabalho no tear - terapia de memória, minha força é minha telcelagem (Leontina Gonçalves de Oliveira).

A trama, o vaivém da lançadeira entre fios, os pedais, os movimentos, as cores, as trocas, as batidas, o conta-reconta, a música... a concepção do tecido, a possibilidade de transformar e construir a vida.

Marlice Machado de Oliveira nasceu no distrito de Roça Grande, município de Berilo, região de tradição têxtil do Vale do Jequitinhonha. Interessante ressaltar que a menção da região como têxtil foi relatada pelos viajantes e remonta ao século XVIII.

Filha de agricultores e mãe tecelã, Marlice iniciou-se no ofício aos 9 anos de idade. Dindinha “Donana” e Dona Antônia de Isaac (vizinha de sua avó) foram suas primeiras e grandes mestras.

Transformar uma simples semente em um fio e depois em tecido sempre foi o trabalho da família de sua mãe. Trabalho feito pelas mulheres. Plantavam, colhiam, preparavam o algodão, fiavam e tingiam (com tinta natural utilizando o barro, urucum, fruto verde de Jenipapo e várias cascas de árvores). Para fixação da cor, utilizavam decoada (cinza curtida) e teciam – processo tradicional.

Após terminar o ensino fundamental, Marlice (segunda filha) foi com sua irmã mais velha estudar no município de Berilo. Marlice e sua irmã decidiram então, juntamente com Dindinha “Donana”, montar um tear em casa para trabalharem. A mãe, Dona Leontina, que continuava em Roça Grande com os outros seis filhos, plantava o algodão, fiava e mandava para as filhas em Berilo. Marlice e a irmã teciam e levavam seus trabalhos para os hotéis da região para vender.

Sua ida para Guaranilândia, distrito de Jequitinhonha, ocorreu logo após o término do segundo grau. O pároco de Diamantina, Irmão Geraldo, muito amigo de sua mãe, foi transferido para o município. Com o objetivo de descobrir se havia ali algum ofício esquecido, identificou que havia muitas mulheres que produziam tecidos lisos, próprios para a confecção de roupas, e que tal atividade estava se perdendo. Convidou então Dona Leontina para ministrar uma oficina de tecelagem em Jequitinhonha. Apesar de o convite ter sido feito a Dona Leontina, Marlice foi ministrar a oficina.

Com recurso da Associação de Voluntários da Itália, Irmão Geraldo conseguiu construir, em Guaranilândia, um local para a prática artesanal. Promoveu oficinas e criou um grupo de produção. Com a implantação do projeto, Marlice continuou trabalhando em Guaranilândia. Conseguiu umas aulas na Escola Estadual de Guaranilândia, casou-se e por lá ficou. Hoje a escola possui em seu currículo a disciplina de tecelagem, que é ministrada por Marlice. Na sede da associação onde foram montados os teares, trabalha com um grupo de mulheres.

Até o ano 2000, elas plantavam e cuidavam do crescimento das plantas para que os frutos do algodão saíssem grandes, saudáveis e fofinhos. Do plantio à colheita, limpeza e descaroçamento do algodão, dividindo com as mulheres de Francisco Badaró o bater o algodão, cardar e fiar.

TEREZINHA FURIATI

Mestre em Educação, com especialização em História da Cultura e da Arte, ambos pela UFMG. Produtora cultural da UFMG. Coordenadora do Programa de Extensão Universitária Saberes Plurais.

Com certeza, o ofício colaborou muito com a construção da mulher Marlice, coerente tanto na vida como nos movimentos que fez a vida inteira. Hoje Marlice cuida do tingimento da montagem dos teares e da tecelagem. A trama, o trançado. Movimentos de pés e pernas, braços e mãos. Mãos pacientes e afáveis. Dedos que pressentem e enxergam as entranhas do algodão e que, com delicadeza e carinho, pacientemente, acariciam cada fibra deixando-as compactas e firmes.

O tempo, o corpo, as mãos e pernas em movimentos rítmicos e contínuos vão concretizando os sonhos. Sonho da mulher transformado em colchas, caminhos de mesa, redes, tapetes... Das mãos e do corpo saem produtos com alma. Alma de Marlice.

Tecer e criar para Marlice se traduz na fala de sua mãe, mulher guerreira, alegre e exímia tecelã. "Quando vida a gente tem, meu Deus do céu, a gente tem que dar prosseguimento naquela criatividade que a gente tem, naquela cultura que a gente tem." Arte para Marlice é vida, possibilidade de criar, expressar-se, crescer. É um dom que está dentro de nós. É preciso descobrir, desenvolver, colocar em prática, dar dimensão maior – multiplicar esses dons.

Marlice tem prazer imenso e orgulho em repartir os dons recebidos, em buscar soluções e partilhar seus saberes com as pessoas. Tecer transforma suas tristezas, desencantos e medos. Ajuda a organizar as ideias, o interior. Sua inspiração vem da mãe e da Dindinha.

Os desenhos nos tecidos surgiram com o fazer da família de Marlice. Motivos ligados ao dia a dia da região. Casinhas, flores, canoieiros, árvores, que se tornaram marca da tecelagem de Berilo e de Guaraniândia.

Com Marlice, a tradição do tecer ganhou fôlego em Guaraniândia: levou às mulheres locais a possibilidade de tecer o futuro com cultura e arte.







Sirley Paulino

Arte e devoção
ao divino

Madelaine Iracema Rodrigues Barbosa

[...] Ê semba ê ê samba á
eu faço a lua brilhar o esplendor e clarão
luar de luanda em meu coração

umbigo da cor
abrigo da dor
a primeira umbigada massemba yáyá
massemba é o samba que dá

Vou aprender a ler
Pra ensinar os meu camaradas!

(Compositor Roberto Mendes, 2005)

A água faz germinar a vida, enquanto molha a terra e a deixa fértil e macia para ação do homem. Relembra Mestre Valmir das Graças Paulino, pai de **Sirley**, que na infância fazia arte na terra molhada do rio. Naquele tempo, demonstrava o sentimento de pertencimento, intimidade e o dom para o artesanato. Foi na beira do rio o seu encontro com o sagrado e com a arte...

Com a fala tímida e sem pressa, Mestre Valmir resgata na memória e nos desperta o encanto pelo Divino Espírito Santo. A entrega e a generosidade em repassar os ensinamentos evidenciam uma trajetória de dedicação, amor, cuidado e fé.

A cidade de Datas, como em muitos municípios do Vale do Jequitinhonha, outrora celeiro das descobertas do ouro e diamante, hoje conta com a altivez e a preciosidade da arte da família de Sirley.

Aos 25 anos, Sirley veio morar em Belo Horizonte. Contudo, devido a problemas de saúde na família, teve a necessidade de retornar a Datas. Naquele momento, Sirley descobriu seu dom para a arte e a possibilidade de fazer dele um ofício. Sirley Paulino dedicou-se a aprender o ofício do pai, a dividir com ele a confecção, em madeira, do Divino Espírito Santo – trabalho minucioso e delicado de transformar um toquinho de madeira em um corpo de pomba. Transmutar minúsculos pedacinhos de madeira em penas. Unir as penas cobrindo o corpo da pomba e finalmente colocá-la sobre o resplendor, transformando-a no Divino Espírito Santo.

Hoje com 35 anos, Sirley fala com muito amor e entusiasmo de seu ofício. Para ela, a arte e o dom são como almas gêmeas, um completa o outro. Relembra que no princípio teve dificuldades para dominar a técnica de produzir objetos artísticos e votivos com delicadas lascas de madeira, mas o tempo e a dedicação permitiram a superação dessa dificuldade: “Aqui na cidade a única forma de sobrevivência é trabalhar na prefeitura. Como estava desempregada, a arte veio como oportunidade. Papai mostrou boa vontade de ensinar. Ele ficou muito feliz, pois de seis irmãos eu sou a única que faz o Divino”.

Fazer artesanato no Vale do Jequitinhonha significa transmutar o conhecimento e cultivar a memória de uma região que é repleta de riquezas culturais, frutos da herança indígena e negra.

A obra de Sirley traça um paralelo com as outras produções artísticas da cidade de Datas e revela um Jequitinhonha engajado, coletivo, interativo, valioso em prol do desenvolvimento social e cultural da região.

Ao contrário da permanência, por vezes efêmera, dos objetos produzidos, a artista acredita que esculpir um trabalho com as suas próprias mãos proporciona, além do sustento, dar sentido à vida, ao desconhecido e à história de nossa existência singular.







Família Borges
Sempre-viva

Rogério Rodrigues

**“A flor branca é em abril que apanha dela seca.
Tem a sempre-viva de abril, tem a de janeiro,
tem a jazida de agosto, os espeta-nariz de
agosto também.”**

Dona Lia

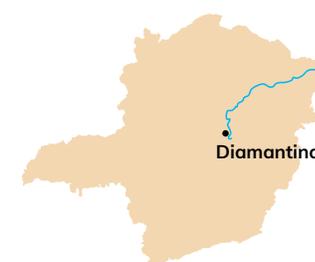
Os oito filhos de Maria Vieira de Araújo Borges (Dona Lia) – Ivete, Walter, Vicente, José, Ivanete, Maria de Jesus, Geraldo Magela e Wilma (já falecida) – desde sempre ouviram os ensinamentos da diversidade das flores pela boca de sua mãe. Os ricos conhecimentos sobre os ciclos da natureza fazem parte da história de sua família e são passados de geração em geração.

A **família Borges** cresceu no campo, em Galheiros, distrito de Diamantina. Assim como Dona Lia, seus filhos começaram a aprender e ajudar no ofício ainda na infância. Ivete me conta sobre essa rotina que acompanha a trajetória da família. Acordam cedo antes de o sol aparecer, para não ficar muito quente, e vão para o campo com a mãe, já veterana no ofício. Em meio à natureza, colhem pelo menos um bom feixe de flores que vem escorado na cabeça até sua casa. Lá começa o processo de arranjar as flores, momento de convívio, conversa e troca entre a família.

Atualmente, os filhos de Dona Lia estão com em média 50 anos e já têm os seus próprios filhos, que começam a aprender sobre o ofício. O cotidiano de coleta das sempre-vivas se estende até hoje, com a exceção da ausência de Dona Lia, que vai menos do que gostaria ao campo conviver com as suas flores. Nos últimos tempos, Dona Lia foi aconselhada a ficar em casa, por conta da idade, mas sai para o campo quando os filhos se distraem.

No final de década de 1990, foi criada a Associação de Artesãos Sempre Viva, com o objetivo de organizar os artesãos que tiravam seu sustento da arte de “panhar” flores e passar os conhecimentos em torno do ofício. A partir desse período, aumentaram a produção de artesanato com flores de sempre-viva e a mobilização para levar a artesanaria a outras cidades, que antes se limitava a Diamantina.

Ocorreram mudanças. Mas em décadas alguns aspectos permaneceram essencialmente os mesmos. A tradição se manifesta aqui como sobrevivência de um ofício ancestral. Não só a produção do artesanato em si, mas tudo que gira em torno dele: a passagem do conhecimento a respeito dos ciclos da natureza, a ida ao campo juntos, o arranjo das flores, todos esses momentos da produção me parecem sagrados e valorizados pela família.



ROGÉRIO RODRIGUES

Estudante de Artes Visuais na EBA-UFMG.
Bolsista do Programa de Extensão Universitária
Saberes Plurais.





Família da Mestre Isabel Mendes da Cunha Herdeiros de uma arte

Maria das Dores Pimentel Nogueira



Santana do Araçuaí. Distrito de Ponto dos Volantes. Médio Vale do Jequitinhonha. Minas Gerais. Ali viveu **Dona Isabel**, um dos maiores ícones do artesanato brasileiro. Ali criou sua família e fez arte. Ali ensinou generosamente aos filhos e vizinhos a sabedoria e delicadeza de sua arte.

Ao se casar, em 1948, Isabel, uma jovem de 24 anos, muda-se com o marido para Santana do Araçuaí. Fica viúva muito cedo e precisa assumir a responsabilidade pelos quatro filhos. Isabel aprendera a trabalhar com o barro com a mãe, ainda criança. Gostava de fazer cavalinhos, panelinhas e brinquedos. Mas sonhava mesmo em ter bonecas. Foi então que modelou suas primeiras bonecas. Quando chegou a necessidade de sustentar sozinha seus filhos, a cerâmica utilitária foi a fonte de sustento de sua família.

Dona Isabel fazia bilhas,oringas, panelas, vasos, potes, utensílios domésticos, que levava acondicionados em cestos na cabeça para vender às margens da BR-116 a caminhoneiros e viajantes, bem como nos pequenos municípios próximos a Santana do Araçuaí. As peças eram de tão especial beleza e perfeição que chamavam a atenção de todos. Não tardou a ser reconhecida e retomou seu sonho de criança: fazer bonecas. Suas peças são de extrema beleza e retratam com autenticidade o cotidiano do Vale: noivas, mulheres amamentando, casais em bodas, batizados, mulheres em atividades domésticas. Segundo Dalglish (2008): “Em resposta à demanda do mercado pelas suas bonecas, Isabel passou a desenvolver esculturas extremamente elaboradas, com características próprias, nas quais somente ela ‘esculpia’ os olhos das bonecas em alto relevo, ao contrário de somente pintá-los, como faziam outras ceramistas do Vale do Jequitinhonha.”¹

O reconhecimento nacional e internacional veio e a mulher delicada e generosa continuou na simplicidade que sempre a distinguiu. Foram prêmios, medalhas e exposições permanentes em importantes museus do país. Teve o carinho, a admiração e o reconhecimento do povo do Vale do Jequitinhonha. “Sua extrema generosidade levou-a a repassar seu saber a quantos a procurassem, com paciência, mas com exigência de mestre, formando, ao longo do tempo, verdadeira escola de cerâmica em Santana do Araçuaí.”²

Assim, filhas e filho, nora e genro, neta e dezenas de vizinhos aprenderam com Dona Isabel os segredos do artesanato: o tipo de barro e o ponto certo para modelagem, a arte e a técnica da construção dos fornos de queimar, a sinalização do colorido das fumaças produzidas pela queima de folhas, as qualidades do barro branco de tabatinga e dos barros vermelhos do tauá, os óleos utilizados na pintura. A produção de diferentes tons de barro para utilizar nas fisionomias, no corpo e nas roupas e enfeites das bonecas. Os diferentes tipos de madeira para queima e seus efeitos sobre a peça, bem como a temperatura necessária para produzir os efeitos desejados.

Os grandes herdeiros de sua arte são sua família. A saga de uma verdadeira mestra de ofício, que num processo de criar e recriar transmitiu sua arte aos seus aprendizes, de geração a geração. O filho Amadeu e sua esposa, Mercina, suas filhas Maria Madalena e Glória, juntamente com o seu marido, João. Sua neta Andreia, filha de Glória e João. Todos influenciados pela arte de Dona Isabel – de uma marca inconfundível –, com seus estilos próprios, eles vivem o encantamento e a dureza da vida de artesãos no Vale do Jequitinhonha, na construção de uma obra coletiva.

Em Santana do Araçuaí predominam as bonecas e as flores. Cores claras, múltiplas gradações de misturas do branco e dos tons ferrosos, acrescidos dos pigmentos minerais, o rosa, o cinza, o amarelo. Bonecas esguias, altivas, charmosas, com seus cabelos lisos ou cacheados, seus vestidos impecáveis, enfeitados de flores, seus chapéus e laços no cabelo, seus brincos e colares. Os homens vestidos de ternos, também impecáveis, com gravatas e lenços combinados.

Os herdeiros de Dona Isabel – familiares e vizinhos que com ela aprenderam – refletem a identidade cultural dos artistas do Vale, representantes da cultura regional. Gente generosa, alegre, que não se abate frente aos desafios: falta de chuva, sol inclemente, secas prolongadas. Sua arte retrata os valores, os costumes e as tradições das comunidades rurais e ribeirinhas onde, no dizer de Mascelani, “a natureza, com seus ciclos recorrentes, determina o cotidiano”.³ Esta é uma arte que encanta quem conhece, que instiga, seduz e conquista pela força que emana.

Madalena ressalta que é um trabalho que exige muita paciência e dedicação. Muito gosto pelo fazer. Começou acompanhando o trabalho da mãe, desde criança. Trabalhou com ela na produção de esculturas fazendo os corpos das bonecas, enquanto a mãe fazia as cabeças e finalizava as peças. Seus vasos e flores são de especial beleza. Faz também bonecas, bules, jogos de café.

Amadeu, que é artesão e agricultor, trabalhou ajudando a mãe na modelagem dos corpos das bonecas. Da mesma forma, trabalha hoje com sua esposa, Mercina, também grande ceramista, na oficina em sua própria casa. A produção da cerâmica possibilitou a compra de um terreno para a produção agrícola e retirada do barro que, generosamente, fornece a outros artesãos da localidade. A principal produção do casal são as bonecas, casais de noivos e animais como galinhas com flores. Peças muito elaboradas em detalhes e de grande beleza.

Glória começou a fazer peças ainda criança, com 7 ou 8 anos de idade. Fazia enfeites de presépios – cavalinhos, patos, lagartos – e levava com a mãe para vender nas feiras. Que alegria! Com o dinheiro comprava cadernos, lápis e lápis de cor para si e para a irmã Rita de Cássia. Aos 21 anos, conhece João, com quem veio a se casar mais tarde. João lhe pede para conhecer Dona Isabel e manifesta seu desejo em aprender a trabalhar com o barro. Somente mulheres eram aprendizes de Dona Isabel, mas ela aceita João como aprendiz e logo percebe no jovem grande talento e boa vontade. “Com o dinheiro do artesanato fizemos o casamento e sustentamos nossa família”, diz Glória.⁴

João passa a fazer bonecas com Dona Isabel. Ela fazia as cabeças e ele, os corpos. Com o tempo, passou a fazer as peças sozinho. Ele aprendeu com a mestra todas as etapas da cerâmica, desde a escolha e o preparo do barro, a modelagem até a queima das peças. Processo semelhante na feitura de bonecas se deu com Glória, que começou a ajudar o marido fazendo os corpos e ele, a cabeça. Depois começou a fazer as cabeças também. Construíram seu próprio ateliê, o que permitiu a João diversificar e inovar seu repertório.⁵ Além dos casais de noivos e mães amamentado, passa a esculpir mulheres sensuais, com seios desnudos, grávidas e namoradeiras. As peças do casal são extremamente belas, predominando as bonecas em cenas do cotidiano.

Andreia é da terceira geração, considerada por Dona Isabel a certeza da continuidade de sua arte. Suas peças, inspiradas nas da avó, trazem, no entanto,

seu traço pessoal. E ninguém melhor que a própria Andreia para descrever sua trajetória:

Quando eu me interessei por trabalhar com arte? Tudo começou como uma brincadeira de criança, ao ver meus pais trabalhando com barro. Eu tinha uns 11 anos e, vendo eles trabalharem, por curiosidade, comecei a fazer as bonecas. A princípio era só uma brincadeira e a possibilidade de ficar ali por perto deles. Mas sempre me incentivavam muito com essa brincadeira e eu ficava perguntando o que era, como se fazia, o que precisava melhorar e sempre tive apoio dos meus pais e da minha vó. Fui convidada para participar de uma exposição junto com a família no Rio de Janeiro, no Museu do Catete, em 1994. Foi quando percebi que minha brincadeira de fazer bonecas interessava as outras pessoas também e tive a oportunidade de vender meu trabalho na exposição. E minhas pequenas obras com temas do nosso cotidiano foram melhorando com a influência e incentivo da minha família. Comecei a receber encomendas e comecei então a levar a sério uma brincadeira que hoje é minha profissão. Dei uma peça de presente para minha avó. Lembro que fiz uma grávida e dei de presente a ela. Ficou muito feliz com a surpresa.

Depois saí para estudar, fazer uma faculdade para ter um curso superior e ter mais conhecimentos. Fui morar em Belo Horizonte, onde ingressei no curso de artes plásticas da Escola Guignard, da Universidade do Estado de Minas Gerais. Foram tempos difíceis, longe da família, numa cidade estranha. Mas com incentivo e determinação continuei. E na Escola Guignard foi uma troca de experiência. Eu aprendi muito e tive a oportunidade de ensinar algumas coisas que aprendera com a minha avó e minha família, como as formas de queima e a manipulação do barro, uma experiência muito boa.

No final do curso, em 2008, fui convidada para dar uma oficina na Europa – na França e em Portugal – representando a arte mineira. Esta foi também outra oportunidade de mostrar nossa arte. Fui convidada para expor com os maiores nomes da cerâmica mineira.

Além de ter o dom que eu herdei da minha família, tive a graça de dar continuidade a esse trabalho que a minha avó pediu para que não deixasse morrer. É um trabalho que amo fazer. Muito gratificante, e valeu a pena todo esforço quando vejo que as pessoas se sentem bem ao ver o trabalho, se emocionam e ficam felizes também. Isso que é arte para mim. Poder trazer coisas boas e alegrar as pessoas. É expressar sonhos, desejos e sentimentos. Nós, artistas, temos o privilégio de poder mostrar e demonstrar os nossos sentimentos, as nossas angústias, nossos desejos, nossas alegrias através do barro. E minha avó fez isso a vida inteira: encantar por meio dos sonhos de menina que eram reproduzidos nas bonecas dela. Um trabalho encantador. Ela era uma grande artista e sempre será.

A possibilidade de ingressar na universidade, cursar artes plásticas, foi uma troca de experiências muito importante, ganhei conhecimentos e compartilhei conhecimentos. Conheci outro universo,

onde teve soma de experiências e eu consegui manter o tradicional que aprendi com os meus pais e minha avó. Para mim, depois de terminar o meu curso, foi fundamental poder manter a essência das minhas raízes. A minha vó foi uma pessoa que sempre estava disposta a ensinar, a compartilhar o que ela aprendeu, o que desenvolveu e o que criou. E não apenas com a família, comigo, com os meus pais e com os meus tios, mas com os outros artesãos da cidade e da região. Todos a procuravam para tirar alguma dúvida, em busca de um ensinamento. Ela sempre estava disposta a ensinar sem ter medo de alguém querer copiar. Muitas vezes fui criticada na faculdade por professores que diziam que meu trabalho não era arte. Mas sempre estive convicta do que eu fazia, do que eu queria, e isso era o que importava para mim. O nosso trabalho é a arte, é referência para outras pessoas, para outros artistas. É grande a responsabilidade de dar continuidade ao trabalho que nasceu com a minha avó e, se depender de mim, darei continuidade. Depois de mim, não sei... meus filhos, talvez dando oficinas, cursos. Mas tentarei dar continuidade.



Os artistas da família

Andreia Pereira de Andrade
Isabel Mendes da Cunha
Maria Madalena Mendes Braga
Amadeu Mendes Braga
Mercina Severa Braga
Glória Maria de Andrade
João Pereira de Andrade



¹ DALGLISH, Lalada. **Noivas da seca**: Cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha. São Paulo: Editora Unesp, 2008. p. 173.
² VALE: VOZES E VISÕES. **A arte universal do Jequitinhonha**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, 2006. p. 47.
³ MASCELANI, Angela. **Caminhos da arte popular**: o Vale do Jequitinhonha. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal, 2008. p. 43.
⁴ Entrevista em setembro de 2017.
⁵ Segundo DALGLISH, **Noivas da seca**, p. 183.





Família de Maria José Gomes da Silva

Poéticas do feminino

Maria Aparecida Moura



Aline Alecrim

Ao puxar pelo fio da memória, Aline Alecrim não se recorda de um só momento em que a sua vida não esteve vinculada à arte da cerâmica. Destaca que trabalha nesse ofício desde sempre, tendo começado em imitações das atividades da mãe, a artista **Maria José Gomes da Silva** (Zezinha).

Em princípio, fazia apenas pequenas peças, como brincadeira de criança. Com o passar do tempo, foi aprimorando o olhar e a sensibilidade e hoje se dedica principalmente à pintura dos objetos e à concepção de diferentes peças em parceria criativa com a mãe e a sua irmã Cláudia.

Aline começa bem cedo a rotina de trabalho que envolve ações colaborativas que se desenrolam no ateliê compartilhado pelas três artistas. Ao longo do dia, elas conversam sobre tudo e vão opinando uma no trabalho da outra.

Grande admiradora do talento da mãe Zezinha, com quem compartilha o gosto pela vida calma do interior, Aline se diz feliz com o trabalho e que nunca sonhou em ter outra profissão.

Ao recordar os tempos de colégio e comparar as aulas de artes recebidas com seu fazer artístico contemporâneo, destaca que há diferenças sensíveis, sobretudo na espontaneidade própria ao trabalho com a argila. Destaca, contudo, que, apesar das distintas materialidades e propósitos, o conhecimento de um complementa o outro.

A expressão artística de Aline é fundamentalmente moldada por suas vivências cotidianas no Vale do Jequitinhonha, de onde se ausenta muito raramente. Para ela a arte é a materialização do belo, um efeito da empatia entre o artista e a natureza. Acredita também que a arte é feita para provocar a admiração das pessoas.

Há sete anos, Aline é casada com Erisvaldo Gomes Alecrim, com que tem uma filha, Lorene Silva Alecrim.

Nos momentos de lazer em família, gosta de ir à igreja, acompanhar notícias e novelas e escutar música sertaneja, especialmente as da dupla Henrique & Luciano. Além disso, gosta de enfeitar a casa com seus trabalhos e de outros artistas da região.

Considera-se uma pessoa muito feliz e realizada profissionalmente, curiosa e aberta, com um interesse genuíno em ajudar e ser útil às outras pessoas. Essas características se fazem notar na expressividade de sua arte e no entusiasmo com que narra a sua relação inquebrantável com o Vale do Jequitinhonha.

Cláudia da Silva

Filha mais jovem da artista Maria José Gomes da Silva (Zezinha), Cláudia da Silva nasceu intimamente vinculada à arte da cerâmica, característica de Campo Buriti, região do Vale Jequitinhonha.

Sua expressão artística se constituiu naturalmente na convivência, observação e admiração do trabalho das mulheres do Vale.

MARIA APARECIDA MOURA

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/ São Paulo. Pós-doutorado em Semiótica Cognitiva e Novas Mídias pela Fondation Maison des Sciences de l'Homme - FMSH/ Paris. Professora Titular da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Coordenadora do Programa de Extensão Universitária Saberes Plurais.

Sem se dizer artista, modestamente, Cláudia destaca que integra uma atividade desenvolvida como um empreendimento familiar. Nesse contexto, ela e sua irmã, Aline, especializaram-se na pintura dos objetos criados pela mãe.

A inspiração para a pintura que realiza está intimamente ligada à experimentação de cores e “toares” que descobre na observação da argila disponível nos diferentes quintais da região.

O design da pintura das peças é fruto da imaginação. À medida que o trabalho vai avançando, sente o que combina e ousa na variedade de cores disponíveis entre os oleios já experimentados. Para ela, o seu fazer é sempre pleno de surpresas, pois só se completa efetivamente após a queima das peças e a abertura do forno, momento em que se concretiza a simbiose entre a imaginação da artista e os elementos da natureza. É quando surge diante dela um novo objeto de arte marcado por cores inauditas que compõem uma paleta admirável.

A perspectiva de arte que norteia o fazer de Cláudia Silva se relaciona ao esmero, à riqueza de detalhes e à produção do admirável.

De natureza expansiva, a artista participa com frequência das feiras de arte e cultura popular que se realizam nas diversas regiões do Brasil. Para ela, esses momentos são regados de boa convivência e pela oportunidade de conhecer novas pessoas, falares e expressões artísticas.

Casada com Fábio Gomes da Silva, encontra no marido apoio e admiração ao seu trabalho. No mês de outubro de 2017, Cláudia tornou-se mãe. Ela acredita que a chegada do filho, Fabrício, certamente alterará suas rotinas, com reflexos em seu trabalho criativo.

Entre oleios e sonhos, o ciclo da vida e da arte se renova no Vale do Jequitinhonha!









**Família do Mestre
Ulisses Pereira**
Tradição e silêncio

Douglas de Oliveira Tomaz

Ulisses Pereira Chaves e Maria José Alves Chaves moraram na comunidade de Santo Antônio, localizada na zona rural de Caraí, município do Vale do Jequitinhonha (MG). Juntos, tiveram dez filhos, entre eles Margarida e José Maria Pereira Chaves – ambos artesãos como os pais. Rosana Pereira Silva, 29 anos, filha de Margarida, é também artesã. Sua filha, Nicole Pereira Alves, embora tenha apenas 7 anos de idade, já demonstra vontade de aprender e habilidade com o artesanato, assim como Paulo Henrique Gomes de Souza, o Paulinho, que, com seus 13 anos, já segue os passos do padrao, José Maria. Todos trabalham o barro.

O patriarca – ao lado de artesãs como Noemisa Batista dos Santos, também de Caraí (MG), e Isabel Mendes da Cunha, nascida em Itinga (MG) – foi responsável pela projeção nacional e internacional do artesanato do Vale do Jequitinhonha na década de 1970. Ulisses, ao criar cerâmicas que misturavam formas humanas e animais, elevou seu artesanato ao lugar do mito, do mistério, da relação ancestral com a natureza. Segundo Rosana, sua neta, “ele conversava com a natureza, ela que ensinava pra ele”. Dessa conversa, surgiram, segundo a antropóloga Lélia Coelho Frota,¹ peças com “figuras zoomorfas, antropomorfas, entes sobrenaturais de um único pé [...], outros com inúmeras cabeças, minotauros, lobisomens”, ou, segundo Rosana: “bichos diferentes, coisas que não existem de verdade, gente com cara de bicho” – todo um imaginário criado a partir de uma profunda relação com o que geralmente não se vê.

Diante desse legado, que ultrapassa, inclusive, a geração de Ulisses, coube à família sustentá-lo sem o medo da mera reprodução. Margarida, em entrevista,² afirma que “aonde ele parou, nós pegou e tá continuando até hoje”, referindo-se à continuidade da tradição iniciada pelo pai. No entanto, não se trata de reproduzir as peças que ficaram famosas pelas mãos de Ulisses. Segundo Rosana, embora o avô gostasse de fazer o que ele imaginava e ela também goste, “cada um de nós tem um jeito de fazer”. E essa maneira própria de lidar com o barro – este, que é quase uma extensão do corpo do artesão e, por isso mesmo, transforma-se conforme quem o toca – é exercitada desde criança. Dona Maria José, a matriarca, conta que ninguém de fora ensinou aos filhos e netos como fazer cerâmica, “cada um aprendeu por si mesmo, é um dom de Deus”.³

Rosana lembra que aprendeu a moldar o barro por ver a mãe fazer, assim como sua filha, Nicole, que aprende só de olhar. José Maria também segue o mesmo ensinamento com o enteado, Paulinho: “Eu faço a mesma coisa que papai fazia comigo. É pequenininho, mas dou na mão um bolinho de barro e falo: tenta aí, vamos ver se, quem sabe daqui uns dez anos, tá igual ou melhor do que eu”.⁴

Esse modo próprio de ensinar, deixando que a criança aprenda com suas próprias mãos e crie por si mesma seu próprio estilo ou seu próprio modo de ver a terra e os seres que nascem dela, é outra herança passada de geração a geração na Família Pereira. Legado sem disputa, que se transmite naturalmente, quase sem se ver. Em 2012, Dona Maria José apostou no futuro de artesã de Nicole, sua neta, então com 2 anos: “ela senta lá mais Rosana e vai esfregando a mãozinha assim no barro: – aqui, mamãe, tô fazendo uns enfeites pra papai enfeitar a mesa dele”.⁵ Hoje, com 7, Nicole já gosta de fazer galinhas, joaninhas e noivos com cara de bicho, segundo a mãe.

Além do modo de ensinar o artesanato, há a transmissão dos modos de se fazer. A Família Pereira é conhecida por compartilhar entre si o processo de feitura das peças. A começar pelo próprio Ulisses, que foi iniciado no ofício de ceramista por Maria José e Ana Rodrigues, esposa e irmã, respectivamente, numa época em que só mulheres se dedicavam ao artesanato. Até o fim de sua vida, eram as filhas quem pintavam as peças de sua autoria, enquanto Dona Maria José sempre foi a maior conhecedora das práticas de feitura das tintas. Hoje, Margarida e Rosana continuam trabalhando juntas, ladeadas pelas crianças. E, seguindo um planejamento, há o dia em que todos vão ao mato buscar lenha para a queima. Desse modo, a arte feita pela Família Pereira só pode ser compreendida a partir da interface entre estilo individual, a partir da tradição iniciada por Ulisses, e uma rede de colaboração familiar mútua – também tradicional.

A herança sustentada e transmitida pela Família Pereira, porém, possui camadas ainda mais sutis. Há uma consciência do silêncio necessário para que a cerâmica se faça – e isso é o que não se diz. Além da notoriedade de suas peças, Ulisses ficou conhecido por se recusar a dar entrevistas, ser fotografado ou filmado, pois a apreensão da imagem tira a energia da pessoa, segundo acreditava. Quando não gostava de alguma visita que estivesse em sua casa, o artesão se recolhia no mato até que ela fosse embora, conforme conta Armando Pereira Ribeiro.⁶ Ulisses parecia saber a real medida da fala, a hora exata de entrar e sair, de estar presente e de desaparecer. Também é assim com Rosana, a mais silenciosa de todos os membros artesãos da família. Na entrevista concedida para este livro, ela falou apenas o necessário, respondeu muitas vezes com uma única frase. Disse que prefere a tranquilidade da comunidade rural onde mora à agitação de Carai – município de 23 mil habitantes. Na contramão do constante fluxo migratório do Vale para outras regiões do Sudeste, como São Paulo, Rosana nunca quis ir embora de sua cidade. “Gosto mais da roça”, ela diz, “fico mais à vontade”.

De acordo com o ensaio “O último artista. Arte popular e cultura digital”, escrito pelo intelectual espanhol Eduardo Subirats,⁷ Ulisses chamava suas esculturas de “natureza viva”. Segundo o próprio artesão, “elas nos estão vendo. O que esculpo são suas visões e suas vozes”. Nessa afirmação, Ulisses demonstra que o barro moldado por suas mãos não apenas nasce da natureza, mas é a própria força natural – que, como tal, possui seu próprio ponto de vista sobre o mundo e, principalmente, nos vê. O artesão, portanto, seria o canal de expressão dessa força que, mais do que tudo, quer dizer.

No entanto, a relação de Ulisses com a natureza, transmitida aos outros artesãos da família, está para além do aprendizado sobre quais e como são as formas que sua escultura vê. Trata-se de uma escuta que envolve os modos de lidar com a matéria-prima – o barro, a tinta, a lenha –, os modos de transmitir esse conhecimento aos mais novos, respeitando seu tempo, sua autonomia e criatividade, além de também envolver a maneira de dizer sobre tudo isso aos que vêm de fora e, principalmente, saber a hora de silenciar diante do mistério.

Pergunto a Rosana se ela também conversa com a natureza, assim como seu avô, e prontamente ela nega. Depois pausa. Aviso que a próxima pergunta será muito complicada, antes de lhe lançar: “Qual o significado de

fazer arte no Vale do Jequitinhonha?” Ao que ela responde: “Difícil responder”. Depois pausa. Espera, permanece calada. Com receio de esta ser sua última resposta, reelaboro: “Você imagina sua vida sem fazer artesanato?”. Então ela declara toda sua certeza e a de sua família em uma única palavra: “Não”.



¹ FROTA, Lélia Coelho. **Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro** – Século XX. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

² MOURA, Maria Aparecida; OLIVEIRA, Cláudio Luiz. **Família Pereira – Saberes Plurais**. [Filme-vídeo]. Produção de Maria Aparecida Moura, direção de Cláudio Luiz de Oliveira e Maria Aparecida Moura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. (Coleção Saberes Plurais, 7).

³ Ibidem.

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem.

⁶ RIBEIRO, Armando Pereira. **Família Pereira Chaves: exercício de amor, aprendizagem e mistério**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. (Coleção Saberes Plurais, 7)

⁷ SUBIRATS, Eduardo. O último artista. Arte popular e cultura digital. **Revista Arquitectos**, nº 056.00, ano 5, jan. 2005. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br>>. Acesso em: 16 out. 2017.







contatos dos artesãos

-  **ARMANDO RIBEIRO**
Padre Paraíso, MG
(33) 9 8412 3157
-  **ARNALDO DAS GRAÇAS RODRIGUES**
Couto de Magalhães, MG
(33) 9 9918 4412
-  **GILDÁSIO JARDIM BARBOSA**
Padre Paraíso, MG
(33) 9 8411 0045
-  **GILSON ALVES**
Itaobim, MG
(33) 9 9932 0487
-  **JOÃO ALVES**
Taiobeiras, MG
(38) 9 9103 0054
-  **LEONARDO BATISTA**
Jequitinhonha, MG
(33) 9 9947 7635
-  **MARCIO BARBOSA SILVA**
Araçuaí, MG
(33) 9 9904 1789
-  **MARIA TERESA GOMES CORDEIRO**
Turmalina, MG
(33) 9 9104 0005
-  **MARLICE**
Jequitinhonha, MG
(33) 9 9907 4855 e 9 9981 6611
-  **SIRLEY PAULINO**
Datas, MG
(33) 9 9978 5048
-  **FAMÍLIA BORGES**
Diamantina, MG
(39) 9 9954 5342
-  **FAMÍLIA DONA ISABEL**
Santana do Araçuaí, MG
(33) 9 8702 9232
-  **FAMÍLIA GOMES DA SILVA**
Turmalina, MG
(33) 9 9104 0005
-  **FAMÍLIA ULISSES PEREIRA**
Caraí, MG
(33) 9 8876 6255

Organizadoras

Maria Aparecida Moura

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/ São Paulo. Pós-doutorado em Semiótica Cognitiva e Novas Mídias pela Fondation Maison des Sciences de l'Homme - FMSH/ Paris. Professora Titular da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Coordenadora do Programa de Extensão Universitária Saberes Plurais.

Maria das Dores Pimentel Nogueira

Doutoranda em Educação na América Latina. Mestre em Políticas Públicas em Educação, ambos pela FAE/UFMG. Pró- Reitora Adjunta de Extensão da UFMG, nas gestões 2002/ 2006 e 2010/2014 . Coordenadora do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha. Cooordenadora do Programa de Extensão Universitária Saberes Plurais.

Terezinha Maria Furiati

Mestre em Educação, com especialização em História da Cultura e da Arte, ambos pela UFMG. Produtora Cultural da UFMG. Cooordenadora do Programa de Extensão Universitária Saberes Plurais.





DGI
DIRETORIA DE
GOVERNANÇA
INFORMACIONAL

PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

UFMG

Programa realizado
com o apoio do
PROEXT - MEC/SESu